

A Concordia Novi ac Veteris Testamenti de Joaquim de Fiore no Liber Sancti Andreeae de Castello: um estudo sobre o fólio 274r do manuscrito Ms. 528 de Le Labo – Cambrai

*Joachim of Fiore's Concordia Novi ac Veteris Testamenti in
Liber Sancti Andreeae de Castello: a study on folio 274r of
manuscript Ms. 528 from Le Labo – Cambrai*

Fidel Pascua Vílchez

Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Foz do Iguaçu, Paraná / Brasil
fidel.vilchez@unila.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-9698-4598>

Resumo: Estudo sobre o fólio 274r do *Liber Sancti Andreeae de Castello*, um códice iluminado inédito do século XII, depositado em Le Labo – Cambrai, na França, catalogado como *Ms. 528*, contendo uma tabela organizada em 8 colunas e 43 filas, dois organogramas e um texto na parte inferior. Com base em Crane *et al.* (2008), Daniel (1983) e Pascua Vílchez (2021), entre outros, fez-se a análise filológica do fólio com o suporte de ferramentas computacionais e consultas nos repositórios digitais da Biblioteca Apostólica Vaticana e da Biblioteca Nacional da França. Justifica-se este trabalho em virtude de se tratar de material inédito, complementário de outros trabalhos já publicados sobre o mesmo códice, desde o ano 2019. Estabeleceu-se, como objetivo principal, desvendar seu conteúdo. Derivados deste, identificar a origem do texto, fazer a transcrição a caracteres informáticos e facilitar o acesso ao conteúdo para as pessoas leigas na matéria, por meio de uma tradução para o português. Para atingir os objetivos propostos, aplicou-se uma metodologia de trabalho filológico, apoiada no uso das novas tecnologias, conhecida como Filologia Digital ou *ePhilology*. Conclui-se que o fólio 274r do manuscrito *Ms. 528* de Cambrai contém uma tabela comentada que resume, a modo de esquema, os cálculos realizados por Joaquim de Fiore em *Liber Concordiae Novi ac Veteris Testamenti*; a escrita do fólio ocorreu entre 1196 e 1199; a tabela de Cambrai não foi a única de seu tipo. Existe outra, quase idêntica, elaborada na Abadia de Corbie, depositada atualmente na Biblioteca Nacional da França.

Palavras-chave: filologia latina medieval; filologia digital; sete selos do Apocalipse.

Abstract: Study on folio 274r of *Liber Sancti Andreeae de Castello*, an unpublished illuminated codex from 12th century, kept in Le Labo – Cambrai, France, catalogued as



Ms. 528, containing a table arranged in 8 columns and 43 rows, two organization charts and a text at the bottom. The philological analyse of the folio was made based on Crane *et al.* (2008), Daniel (1983) and Pascua Vilchez (2021), among others, with the help of computational tools and consultation of digital repositories in Vatican Apostolic Library and National Library of France. We justify the study as being based on an unpublished manuscript, in addition to other published works on the same codex since 2019. As main goal, we set to reveal its content. Derived from it, to identify the text origin, to do the transcription into computer characters and to ease the access to its content for lay people, providing a translation to Portuguese. In order to achieve these goals, we applied a philological methodology supported by new technologies, known as Digital Philology or ePhilology. We conclude that folio 274r of manuscript *Ms. 528* contains a commented table, summarizing, in the way of a scheme, calculations made by Joachim of Fiore in *Liber Concordiae Novi ac Veteris Testamenti*; the folio writing was made between 1196 and 1199; the table from Cambrai wasn't the only one of its kind. There is another, almost identical, made in Corbie Abbey, kept nowadays in National Library of France.

Keywords: medieval latin philology; digital philology; seven seals of Apocalypse.

1 Introdução

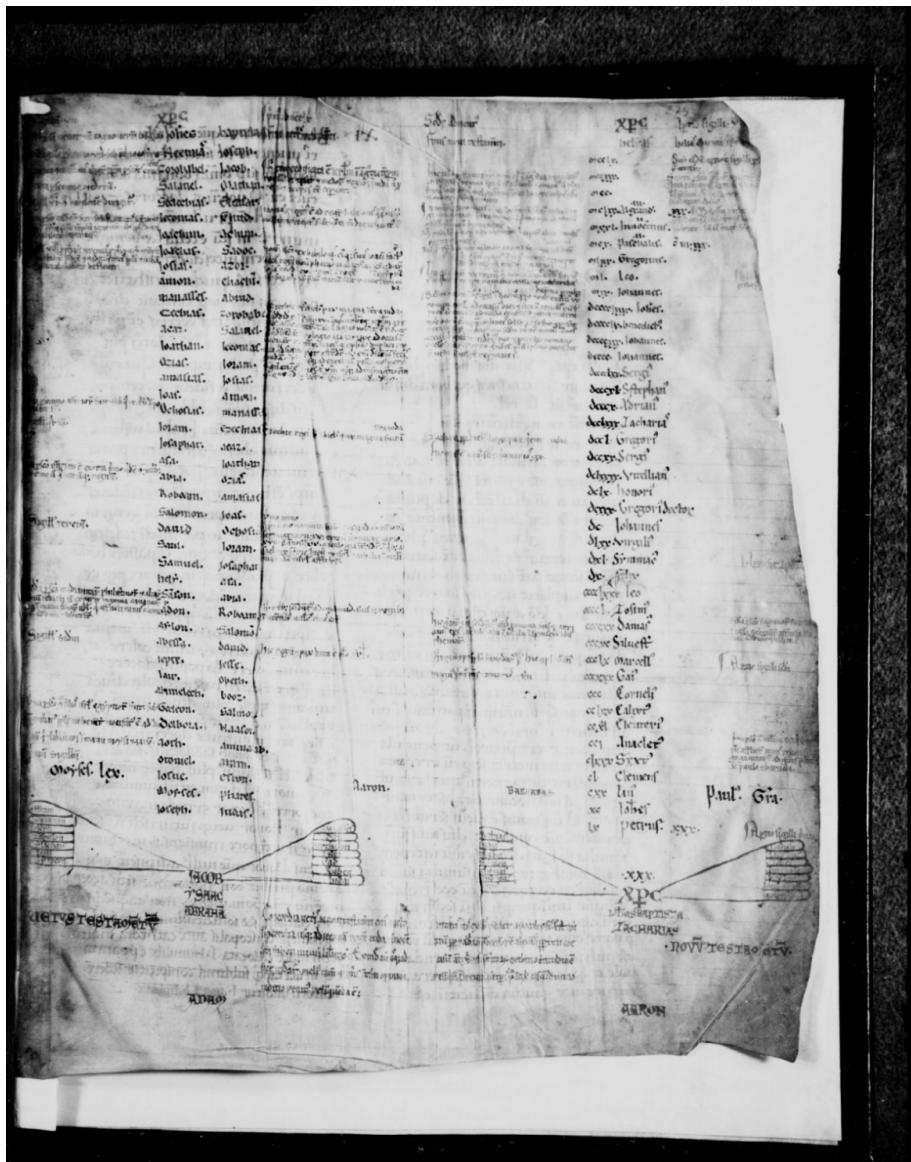
O presente artigo é um estudo sobre o fólio 274r (Figura 1) do *Liber sancti Andreae do Castello*, um códice iluminado do século XII, depositado em Le Labo – Cambrai,¹ na França, catalogado como *Ms. 528*, digitalizado, de acesso e descarga livres nos sites *Arca – Bibliothèque Numérique de L’IRHT*² (*Institut de recherche et d’histoire des textes*) e *POP: la plateforme ouverte du patrimoine*,³ ambos dependentes do Ministério da Cultura da França.

¹ Nome atual da instituição. Anteriormente, Mèdiathéque d’agglomération de Cambrai; Bibliothèque Municipale de Cambrai; Bibliothèque Comunale de Cambrai.

² Cf. Arca Bibliothèque Numérique De l’IRHT (Homepage, s.d.).

³ Cf. Ministère de la Culture (s.d.).

Figura 1: Fólio 274r do *Ms. 528* de Le Labo – Cambrai.



Fonte: Le Labo – Cambrai.⁴

⁴ Cf. Arca Bibliothèque Numérique De l'IRHT (s.d.).



Em 1994, o *IRHT* fez a microfilmagem do códice na íntegra, em preto e branco, bem como as fotografias coloridas das iluminuras, para facilitar sua análise científica.

A efeitos práticos, adotamos a numeração dos fólios estabelecida pela *Bibliothèque Municipale de Cambrai* em 1994. No entanto, devemos advertir que foi detectada uma inconsistência na sequência destes durante a análise do manuscrito para um trabalho anterior. Segundo isto, o fólio em foco seria o 273r e não o 274r (Pascua Vílchez, 2020, p. 309-310).

O *Ms. 528* foi amplamente analisado em trabalhos anteriores. Por esse motivo, no intuito de não repetirmos informações já publicadas, preferimos remeter o leitor interessado na história do documento, no seu conteúdo e noutras questões filológicas aos trabalhos de Pascua Vílchez (2019, 2020, 2021). Caso o leitor esteja interessado nas iluminuras do códice, recomendamos os trabalhos de Godoi (2021, 2022, 2023).

Quanto ao estado de conservação do fólio, percebe-se que a margem direita, principalmente na parte superior, sofreu mutilação ou deterioro provocado por agentes físicos, químicos ou biológicos (Quetglás, 2006, p. 21), pois o texto está cortado nessa margem.

Justifica-se este trabalho em virtude de se tratar de material inédito, complementário de outros artigos já publicados sobre o mesmo códice desde o ano 2019. Estabelece-se, como objetivo principal, desvendar o conteúdo do fólio 274r e, consequentemente, os seguintes objetivos específicos:

- Complementar os outros trabalhos já publicados sobre o manuscrito *Ms. 528* de Le Labo – Cambrai, contribuindo para a divulgação desta obra entre a comunidade acadêmica e científica.
- Contribuir para os estudos em Filologia Latina Medieval, por meio da criação de um novo material em suporte informático, com origem em um manuscrito medieval, que sirva de base a futuras pesquisas (Anexo 1). Isto implica em: a) fazer a transcrição em um arquivo de texto, no formato *Word* de *Microsoft Office*, para facilitar sua leitura e análise; b) analisar a organização formal do texto e seu conteúdo; c) detectar e explicar as divergências do texto em relação a outras fontes.
- Identificar a origem do texto, a relação com algum autor, por meio de consulta em bases de dados e repositórios digitais

das mesmas expressões usadas no texto escrito/copiado no século XII, com a ajuda de motores de busca.

- Facilitar o acesso ao conteúdo do fólio para as pessoas leigas na matéria, por meio de uma tradução do texto para o português (Anexo 2).

Para atingir os objetivos propostos foi aplicada uma metodologia de trabalho filológica, apoiada no uso das novas tecnologias. Esta metodologia, realizada por meio de ferramentas computacionais, conhecida como Filologia Digital ou *ePhilology* (Crane; Bamman; Babeu, 2008, p. 1) permitiu, em primeiro lugar, a análise paleográfica do texto, graças à digitalização do códice pela *Mèdiathéque*; depois, a localização do texto, em virtude da existência na rede de repositórios digitais, bancos de dados e coleções de textos digitalizados de autores medievais, de livre acesso e descarga gratuita.

A transcrição do texto manuscrito a caracteres informáticos foi feita conforme as *Normas gerais de transcrição e publicação de documentos e textos medievais e modernos* (Costa, 1993). De modo geral, cada grafema do manuscrito foi substituído pelo caractere equivalente do teclado, no formato *Microsoft Word*, com as especificações seguintes:

- Os grafemas <u> e <i> foram mantidos na transcrição, independentemente de seu valor vocálico ou consonântico; por exemplo: <ueſil>, <iuda>, *ueteris*, *Iuda*.
- O grafema <ſ> foi transscrito como caractere <s>, em todos os casos.
- Os grafemas de vogais com til <ã>, <ẽ>, <í>, <õ>, <ũ>, indicando abreviatura de consoantes ême ou êne anteriores ou posteriores, foram transcritos como caracteres das mesmas vogais, precedidos ou seguidos, segundo os casos, de suas correspondentes consoantes nasais; por exemplo: <regẽ> *regem*.
- Grafema <ę> foi transscrito como *ae*; por exemplo: <romane>, *romanae*.
- Grafema modificador <⁹>, transscrito como *-us*; por exemplo: <penit⁹> *penitus*.
- Grafema modificador <²>, transscrito como *-ur*; por exemplo: <uid⁹at²> *uideatur*.
- Grafema <†>, indicando abreviação de sílaba; por exemplo: <ecc̄la> *ecclesia*.

- Grafema <p>, transcrito como *pro*; por exemplo: <pp̄ha> *propheta*.
- Grafema <p>, transcrito como *per*; por exemplo: <psēctio> *persecutio*.
- Grafema <̄p>, transcrito como *prae*; por exemplo: <̄p̄dix̄> *praedixit*.
- Grafema , transcrito como *-bus*; por exemplo: <regib;> *regibus*.
- Grafemas <q^a>, <qⁱ>, <q^o>, transcritos como *qua*, *qui*, *quo*.
- Grafema <q;>, transcrito como *-que*; por exemplo: <utrūq;> *utrumque*.
- Grafema <z>, transcrito como *-rum*; por exemplo: <̄p̄titoz> *praeteritorum*.
- Grafema modificador <̄>, indicando abreviatura de sílaba *-er*; por exemplo: <num̄i> *numeri*.
- Outras abreviaturas padrão: ē = *est*; ēē = *esse*; g = *ergo*; ñ = *non*; & = *et*; scdm = *secundum*; ̄g = *igitur*.

2 O conteúdo do fólio

O fólio 274r, último do códice, contém uma tabela composta por 8 colunas e 43 linhas horizontais, similar, quanto ao desenho, às que hoje em dia são elaboradas mediante os programas *Microsoft Excel* (permita-se o anacronismo), *Apple Numbers* e outros aplicativos similares para a organização de dados em uma planilha. Embaixo da tabela, localizam-se dois organogramas que servem de base para as colunas.

A primeira leitura do fólio mostrou que se trata de duas cronologias em paralelo: as duas colunas da esquerda contêm os nomes de reis e juízes de Israel e Judá, conforme o Antigo Testamento, com início em José e Judá e fim em João Batista e Cristo; por sua vez, as duas colunas da direita incluem uma lista de papas da Igreja Católica, organizada de trinta em trinta anos, com início em Pedro e fim igualmente em Cristo, em referência à Parúsia ou Segunda Vinda. O fólio ler-se-á de baixo para cima, conforme a ordem cronológica das genealogias bíblicas e dos períodos trigesimais. Tanto à esquerda quanto à direita das genealogias existem comentários sobre personagens, eventos e datas da tabela.

O organograma da esquerda serve de base às colunas superiores. Este inclui os primeiros patriarcas bíblicos, começando por Adão,



seguido de Abraão, Isaaque, Jacó e a descendência deste, dividida em duas colunas de sete filhos cada uma.

Por sua vez, o organograma da direita precede a lista dos papas, inicia-se com Aarão e continua com três personagens do Novo Testamento: Zacarias, João Batista e Jesus Cristo. Sobre Ele, duas colunas de seis apóstolos cada uma, junto com Matias e Barnabé, os candidatos a substituir o Judas Iscariote após sua morte.

O último elemento que integra o conjunto do fólio é um texto situado entre os dois organogramas, redigido em duas colunas de cinco e quatro linhas respectivamente. O tamanho da escrita, mesmo sendo maior do que a dos comentários às margens, não alcança o dos nomes das duas listas superiores.

A distribuição do texto em 8 colunas e 43 filas, o conteúdo mesmo do fólio e o sentido da leitura de baixo para cima diferenciam-se do resto do manuscrito, composto por homilias e sermões de padres e doutores da Igreja Católica (Pascua Vílchez, 2019, p. 9-11), redigido em duas colunas por página, no sentido normal da leitura: de esquerda à direita e de cima para abaixo.

3 O texto na parte inferior do fólio

Na parte inferior do fólio, entre os dois organogramas, localiza-se um texto dividido em duas colunas (Figura 2). No entanto, este segue a ordem normal de leitura, de esquerda a direita. O espaço central vazio não implica em interrupção da escrita na mesma linha horizontal. O texto foi redigido com as abreviaturas típicas da época, para aproveitar, ao máximo, o espaço disponível.



Figura 2: Transcrição do texto inferior no fol. 274r do *Ms. 528* de Le Labo – Cambrai.

Concordia ueti⁹ ac noui testam̄nti cui⁹ aucto
hacordia usq; ad ieconiā regē iuda inocē
đta ūb̄ čti num̄l libatiōe. Exinde aū u⁹q; ad
fače uid⁹at⁹ meli⁹ tam⁹ num̄l it̄m opiniōi
Iuditio penit⁹ reliquēda ē;

ritati⁹ ui⁹ ex li⁹ p̄ēdet apocalipfi⁹. Est aū
tiū pp̄ adi'añ p̄d⁹ cessorē alexād⁹ pp̄ t̄tii coe
caſū ātič ūfī p̄tit⁹ exhibitiō certitudinē
reliq̄t⁹. Breuita⁹ aū tpi⁹ p̄ ātič caſū diuino

Fonte: acervo do autor.

Após a devida substituição das abreviaturas, conforme as normas e especificações descritas na Introdução, e da eliminação do espaço entre as duas colunas, o texto se lê da forma que segue:

Concordância do Antigo e do Novo Testamento, cujo princípio de autoridade deriva do Livro do Apocalipse. Esta concordância existe, porém, até o rei Jeconias de Judá, o papa Inocêncio e Adriano, o predecessor do papa Alexandre III, cotejada sob a liberação de um número específico. No entanto, daí até a queda do Anticristo é melhor, por enquanto, deixar o número à imaginação, mesmo que a exposição dos tempos passados pareça estar certa. Todavia, a brevidade do tempo após a queda do Anticristo deixar-se-á totalmente ao juízo divino. (*Ms. 528*, f. 274r, tradução própria).⁵

As cinco primeiras palavras deste breve texto revelaram a fonte primária que deu origem ao modelo de tabela copiado na Abadia de Cambrai. Elas remetem ao *Liber Concordiae Novi ac Veteris Testamenti*, de Joaquim de Fiore (ca. 1135 – 1202).

4 O *Liber Concordiae Novi ac Veteris Testamenti*

Para entender propriamente o conteúdo do fólio em foco, é necessário, antes, referir-se ao *Liber Concordiae Novi ac Veteris Testamenti*. Nesta

⁵ *Concordia ueteris ac noui Testamenti cuius auctoritatis uis ex libro pendet Apocalipsis. Est autem haec concordia usque ad Ieconiam regem Iuda Innocentium papam et Adrianum praedecessorem Alexandri papae tertii coaequata sub certi numeri liberatione. Exinde autem usque ad casum Antichristi, etsi preteritorum exhibitiō certitudinem facere uideatur melius tamen numerus interim opinioni relinquatur. Breuitas autem temporis post Antichristi casum diuino iudicio penitus relinquenda est.*

obra, escrita entre 1182 e 1198 (Daniel, 1983, p. 17), o autor estabeleceu uma série de paralelos entre o Antigo e o Novo Testamento, um conjunto de padrões que se davam em ambos, subordinados a um determinado número (3, 7, 10, 12, 21, 42, 60, 63, 70), a abertura de sete selos e as sete guerras sofridas pelo povo de Deus (*bella generalia*), ocorridas tanto antes quanto depois de Cristo. Segundo os cálculos do autor calabrés, o fim do mundo e a segunda vinda de Cristo aconteceriam no ano 1260.

O *Liber Concordiae Novi ac Veteris Testamenti* foi organizado em cinco livros, sendo o quinto maior do que os outros quatro juntos:

Nos livros I a IV, Joachim estabelece os paralelos entre os Antigo e o Velho Testamento, desde Adão até Cristo e depois até o final dos tempos. Classifica, por um lado, as três ordens de homens: os casados, o clero e os freires, desde o início com Adão até a consumação no estado do Espírito Santo. Por outro lado, desenha a história dos dois povos, os judeus e os gentis, começando de novo no Adão e finalizando mais uma vez no Homem Espiritual que sucede a esses dois povos. No entanto, o Livro V foca mais sobre a compreensão espiritual do Antigo Testamento. Na introdução à parte um do Livro II, Joachim define o termo *concordia* usado no título:

Dizemos que *concordia* é, propriamente, uma semelhança, de relação equivalente, entre o Novo e o Antigo Testamento (digo equivalente quanto a um número, mas não quanto à dignidade), na qual, efetivamente, se olham cara a cara, em função de certa igualdade, pessoa e pessoa, ordem e ordem, guerra e guerra. (LCNVT, II, f. 14v, tradução própria, grifo nosso).⁶

Segundo Daniel (1983, p. 38), a expressão “equivalente quanto a um número, mas não quanto à dignidade”, quer dizer não apenas que um homem é precursor de outro ou uma sequência de outra, mas também que estes e estas aparecem na mesma quantidade de gerações e têm funções similares, embora os tipos do Novo Testamento são espiritualmente superiores aos seus predecessores no Antigo.

⁶ *Concordiam proprie esse dicimus similitudinem aeque proportionis noui ac veteris testamenti, aeque dico quo ad numerum non quo ad dignitatem; cum uidelicet persona et persona, ordo et ordo, bellum et bellum ex parilitate quadam mutuis se uultibus intuentur.*



Assim, pois, o termo *concordia* do título da obra refere-se à relação espelhada dos padrões históricos que ocorrem em ambos os Testamentos, vem a ser uma concordância, uma sequência equivalente nos fatos, um paralelo.

5 A consulta dos manuscritos

Ao ser o *Liber Concordiae Noui ac Veteris Testamenti* a fonte primária da tabela do fólio 274r do *Ms. 528* de Le Labo – Cambrai, foi feita uma procura nos repositórios digitais da Biblioteca Nacional da França (BnF Gallica) e da Biblioteca Apostólica Vaticana (BAV), para conferir se, de fato, as tabelas já existiam no *Liber Concordiae* ou se foram elaboradas depois, a partir do texto de Joaquim de Fiore. Após consulta nos acervos digitais das bibliotecas, foram localizados até seis manuscritos contendo o *Liber Concordiae*, digitalizados e de livre consulta e descarga:

- *BnF Latin 3320*. Séc. XIV (1301 – 1350). 102f.
- *Arch.Cap.S.Pietro.D.205*. Séc. XV (1401 – 1425). 189f.
- *Borg.190*. Séc XIV (1301 – 1400). 191f.
- *Vat.lat.3821*. Séc. XV (1401 – 1500). 152f.
- *Vat.lat.4860*. Séc. XIII – XIV (1276 – 1325). 292f.
- *Vat.lat.4861*. Séc. XIII (1201 – 1300). 214f.

Dentre todos estes, o *Vat.lat.4861* considera-se a fonte principal sobre o texto, sendo o mais próximo à data de escrita por Joaquim de Fiore.

A análise dos manuscritos mostrou que as listas em paralelo de reis e juízes do Antigo Testamento já existiam no texto original de Joaquim de Fiore (*LCNVT*, f. 28r), sendo 40 gerações no total, sem o acréscimo de João Batista e de Cristo. Comprovou-se também que essas gerações tinham correspondência com outras tantas depois de Cristo, mencionadas de forma genérica como “Geração I, Geração II, Geração III, [...], Geração XL.” (*LCNVT*, f. 21r, tradução própria).⁷ No entanto, não se especifica uma lista de papas nos manuscritos.

Além dos seis manuscritos que incluíam o *Liber Concordiae*, foi localizada uma tabela quase idêntica à tabela do fólio 274r do *Ms. 528* de Cambrai no manuscrito *BnF Latin 11864*, elaborado na Abadia

⁷ “Generatio I, Generatio II, Generatio III, [...], Generatio XL.”



de Corbie, a 71 kms de Cambrai, por volta do ano 1200. O manuscrito inclui: a correspondência entre o bispo Bráulio de Saragoça e Isidoro de Sevilha; as *Etimologiae* deste último; e, no fólio 154v (Anexo 3), o antepenúltimo, a tabela inspirada no *Liber Concordiae*.

O fólio 154v do *BnF Latin 11864* apresenta um estado de conservação excelente, o que fez possível a leitura do texto em determinados trechos onde era difícil no *Ms. 528* de Cambrai, por causa do deterioro do fólio ou do apagamento da tinta.

Além disso, o fólio 154v do *BnF Latin 11864* acrescenta, em relação ao *Ms. 528*, dois comentários à margem direita, sobre as perseguições terceira e quarta contra o povo cristão, correspondentes à abertura dos selos Terceiro e Quarto. Acrescenta também uma importante informação sobre a organização trigesimal da parte direita do fólio e sobre a data de 1260 como fim dos tempos, localizada na parte inferior direita do fólio, dentro do organograma do Novo Testamento, formando um calígrafo no formato de triângulo invertido ou *cul-de-lampe*. Lê-se o seguinte:

Na lista acima, foram tomados os três anos e meio que Jesus prediou, sendo considerados 12 períodos de 30 anos por cada um destes anos magnos, o que dá 360 anos-calendário cada um, e, pelo meio ano magno, 6 períodos de 30 anos. (*BnF Latin 11864*, f. 154v, tradução própria).⁸

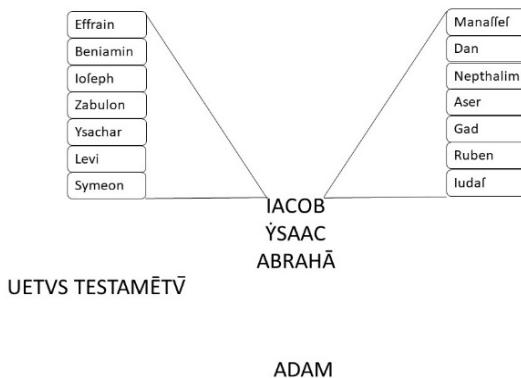
O calígrafo explica o cálculo do tempo realizado por Joaquim de Fiore. Ele considerou, em primeiro lugar, a duração total da vida terrenal de Cristo (33 anos e meio) e distinguiu entre, por um lado, os 30 primeiros anos anteriores à sua pregação, equivalentes ao tempo de uma geração, e, por outro, os três anos e meio de pregação posteriores, considerando-os “anos magnos”, na relação seguinte: um ano de pregação de Cristo equivale a 360 anos-calendário (12 gerações x 30 anos = 360 anos); meio ano de pregação de Cristo equivale a 180 anos-calendário (6 gerações). Como Cristo prediou durante três anos e meio, a soma total dá $3 \times 360 + \frac{1}{2} \times 360 = 1260$ anos (42 gerações).

⁸ “Anni tres et dimidium in quibus Christus praedicauit accipiuntur in summa supra scripta, acceptis pro uno quoque anno magno XII tricenariis, qui faciunt CCCLX annos uitales, et pro dimidio sexticenarios XXX.”

6 Os organogramas da parte inferior do fólio

O organograma da parte esquerda (Figura 3) inicia-se na base com o nome de Adão, escrito em letras maiúsculas; depois, na margem esquerda, Velho Testamento; na sequência, três patriarcas seguidos, também em caixa alta: Abraão, Isaac e Jacó. A partir deste último, o organograma se bifurca: no ramo à esquerda, em caracteres menores, estão dispostos, de baixo para cima: Simeão, Levi, Issacar, Zebulom, José, Benjamim e Efraim; no ramo à direita: Judá, Rúben, Gade, Aser, Naftali, Dã e Manasses.

Figura 3: Organograma à esquerda no fólio 274r do Ms. 528 de Le Labo – Cambray.



Fonte: acervo do autor.

De forma paralela, o organograma à direita (Figura 4) reproduz outra genealogia de personagens bíblicos, mas, desta vez, em relação ao Novo Testamento.

O personagem que dá início a cronologia é Aarão, o irmão de Moisés, relacionado também com a genealogia de Jesus. Segundo Schiller (1971, p. 54), na Anunciação (Lc. 1: 26-38), a eleição de Maria para engendrar o Sumo Sacerdote está relacionada com a eleição de Aarão para o mesmo propósito, a partir do florescimento de sua vara (Num. 17: 6).

Relacionado com isso, segundo a genealogia bíblica, José, o esposo de Maria, provém da estirpe de Jessé (Mt. 1: 5-16). E sobre Jessé recai a profecia de Isaías que anuncia o nascimento de Jesus, igualmente

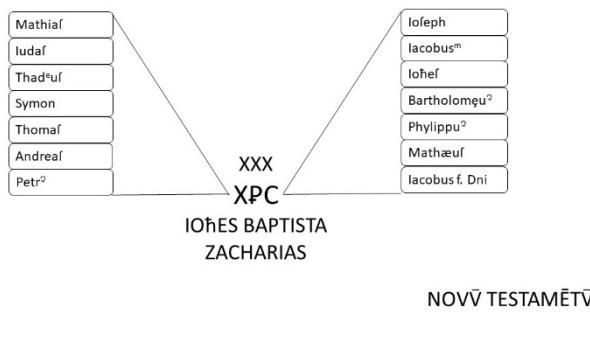
a partir do florescimento de sua vara (Is. 11: 1), à qual se refere também Paulo de Tarso (Rom. 15: 12).

O segundo personagem elencado é Zacarias, pai do João Batista, sendo este o terceiro personagem na lista. Na sequência, também abreviado e destacado em caixa alta maior, chega-se no personagem central: Cristo. A partir deste, o organograma se divide em duas colunas de sete filas, preenchidas com os nomes dos doze apóstolos dos Evangelhos, junto com os dois candidatos a substituir Judas Iscariote: Matias e Barnabé.

Desse modo, na coluna à esquerda, localizam-se: Pedro, André, Tomé, Simão o Zelote, Judas Tadeu, Judas Iscariote e Matias; por sua vez, na coluna à direita: Tiago Menor, Mateus, Filipe, Bartolomé, João, Tiago Maior, José).

O José desta lista refere-se a Barnabé (At. 4: 36-37): “Então José, cognominado pelos apóstolos ‘Barnabé’ (que, traduzido, é ‘Filho da consolação’), levita, natural de Chipre, possuindo uma herdade, vendeu-a, e trouxe o preço e o depositou aos pés dos apóstolos.” (Almeida, 2007, p. 1223).⁹

Figura 4: Organograma à direita no fólio 274r do Ms. 528 de Le Labo – Cambrai.



Fonte: acervo do autor.

⁹ “Ioseph autem, qui cognominatus est Barnabas ab Apostolis (quod est interpretatum, Filius consolationis), Levites, Cyprius genere, cum haberet agrum, vendidit eum, et attulit pretium, et posuit ante pedes Apostolorum.” (Tweedale, 2005, p. 1371).

7 As duas genealogias do Antigo Testamento

Sobre o organograma da metade esquerda do fólio se erigem duas genealogias em paralelo, correspondentes ao Antigo Testamento. À margem esquerda, localizam-se os comentários sobre os Sete Selos do Antigo Testamento e sobre as sete perseguições contra o povo de Deus durante esse período. À direita das genealogias, os comentários em referência a reis de Israel e de Judá.

Cada genealogia possui 42 gerações e ambas finalizam em Cristo, que faria a número 43. As duas têm início em filhos de Jacó: na da esquerda, José; na da direita, Judá. Os personagens são diferentes até chegar em Davi, no qual convergem:

- Genealogia da esquerda: José, Moisés, Josué, Otoniel, Eúde, Débora, Gideão, Abimeleque, Jair, Jefté, Ibsã, Elon, Abdón, Sansão, Eli, Samuel, Saul, Davi.
- Genealogia da direita: Judá, Peres, Esrom, Arão, Aminadabe, Naassom, Salmom, Boaz, Obede, Jessé, Davi.

A partir de Davi, as duas genealogias vão em paralelo durante 16 gerações: Salomão, Roboão, Abias, Asa, Josafá, Jeorão, Ocozias, Joás, Amazias, Uzias, Jotão, Acaz, Ezequias, Manassés, Amon, Josias.

Depois de Josias, as genealogias se bifurcam novamente:

- Genealogia da esquerda: Joacaz, Joaquim, Jeconias, Zedequias, Selatiel, Zorobabel, Neemias.
- Genealogia da direita: Joram, Jeconias, Salatiel, Zorobabel, Abiúde, Eliaquim, Azor, Zadoque, Aquim, Eliúde, Eleazar, Matã, Jacó, José (esposo de Maria).

Depois, as duas colunas compõem o nome João Baptista: na coluna esquerda, João; na coluna direita, Baptista. Sobre este, Cristo.

De acordo com Daniel (1983, p. 39), Joachim de Fiore comparou as gerações do Antigo com as do Novo Testamento. Derivou as gerações do Antigo Testamento a partir da genealogia dada por Mateus (Mt. 1: 1-16), às quais acrescentou as gerações de Ocozias, Joás e Amassias, omitidas pelo evangelista. Onde Mateus tinha contado 42 gerações desde Abraão até Cristo (sendo Cristo a 42), Joaquim contou 42 desde Jacó a José, o esposo de Maria. Como Mateus começou a contar desde Abraão, Joaquim usou a



genealogia de Lucas (Lc. 3: 23-38) para as gerações que vão desde Adão até Abraão, omitindo uma, a geração de Isaac que seria a 21. Isso deu o total de 63 gerações desde Adão até Cristo, constituindo o primeiro *tempus*.

Depois, Joaquim combinou as 21 gerações desde Ozias a José com as primeiras 42 gerações da Era Cristã, para obter, desse modo, as 63 gerações do segundo *status*.

Joaquim estabeleceu duas linhas geracionais que desciam desde Isaac até Davi, organizadas a partir de um tronco comum formado por 17 gerações entre Davi e Josias. A primeira foi a linha de Mateus que desce de Jacó, enquanto a segunda linha vai desde Moisés, Josué e os juízes, até Saul. As duas linhas finalmente convergem em Davi. A segunda linha contava com mais gerações do que a primeira. Portanto, contando pela segunda linha, Asa virou a vigésima segunda geração desde Isaac e a décima sexta do segundo *tempus*, na Era Cristã, virou a 43 a partir de Asa. Isto criou uma *concordia* entre Aquim e o surgimento da Ordem Cistercense (1098), colocada por Joaquim na geração 37 depois de Cristo.

À margem esquerda do fólio foi redigida a sequência dos Sete Selos correspondentes à genealogia do Antigo Testamento, junto com as sete perseguições:

“Moisés. Lei. Primeiro Selo. A primeira perseguição contra os filhos de Israel foi a dos egípcios, sob a qual o povo, angustiado, clamou veementemente ao Senhor. E Ele os libertou, conduzidos por Moisés e Arão.” (Ms. 528, f. 274r, tradução própria).¹⁰

Menção ao *Livro do Éxodo*, sobre a saída dos israelitas do Egito, a travessia do Mar Vermelho e o afogamento dos egípcios durante a perseguição (Ex. 14: 5-31).

“Segundo Selo. A segunda perseguição foi a dos midianitas, filisteus e outros povos, havendo sido já entregue a maior parte da terra dos cananeus nas mãos dos filhos de Israel,

¹⁰ “Moyses. Lex. Primum sigillum. Prima persecutio contra filios Israel Egyptiorum fuit, sub qua angustiatus populus uehementer uociferatus est ad Dominum qui liberauit eos in manu Moysi et Aaron.”

os quais, muito afligidos, clamaram ao Senhor e foram libertados.” (*Ms. 528*, f. 274r, tradução própria).¹¹

A opressão dos midianitas e a posterior vitória dos israelitas, comandados por Gideão, é a referida em Jz. 6-8. A perseguição dos filisteus faz parte do *Livro I de Samuel*. As guerras ocorridas entre estes e os israelitas, até a vitória definitiva do rei Davi fazem parte do *Livro II de Samuel*.

Os outros povos que, segundo a Bíblia, fizeram guerra contra os israelitas e/ou vice-versa durante esse período, foram: os amonitas (1 Sm. 11); amalecitas (1 Sm. 30); amonitas e sírios (2 Sm. 10). A partilha em herança das terras de Canaã encontra-se em Js. 14: 1-5.

“Terceiro Selo. A terceira perseguição teve início nos assírios. Em um primeiro momento, foi apenas contra as Dez Tribos, mas finalmente foi contra ambos os reinos.” (f. 274r).¹²

Neste Selo, detectou-se uma divergência entre o *Ms. 528* e o *BnF Latin 11864*. O segundo manuscrito relaciona a terceira perseguição com o povo sírio: “A terceira perseguição foi a dos sírios” (*BnF Latin 11864*, f. 154v, tradução própria),¹³ o que faz mais sentido, já que foi Hazael (842 – 796 a.C.), rei de Aram-Damasco, quem derrotou o exército aliado de Israel e Judá em Ramote-Gileade (2 Rs. 9: 14), ocupou a parte Leste do rio Jordão, a cidade de Gate e fez a tentativa de conquistar Jerusalém, sem sucesso. Hazael é mencionado em: 1 Rs. 19: 15; 2 Rs. 12: 17-18; 2 Rs. 13: 24.

“Quarto Selo. A quarta perseguição foi a dos assírios, sob a qual as Dez Tribos foram deportadas.” (*Ms. 528*, f. 274r, tradução própria).¹⁴

Refere-se ao ataque do rei assírio Salmanassar à terra de Judá em 722 a.C., à captura do rei Oseas, ao cerco e à queda da cidade de Samária e à deportação dos vencidos às cidades assírias de Jalaj e Jabor, bem como a outras terras sob o domínio dos medos, eventos todos relatados em 2 Rs. 17: 1-6.

¹¹ “*Sigillum secundum. Secunda persecutio Madianitarum Philistinorum et aliarum gentium redacta iam ex parte maxima Cananeorum terra in manu filiorum Israel qui afflicti nimis clamauerunt ad Dominum et liberati sunt.*”

¹² “*Sigillum tertium. Tertia persecutio Assiriorum est exorta primo quidem contra decem tribus; postremo uero contra utrumque regnum.*”

¹³ “*Tertia persecutio Syriorum fuit.*”

¹⁴ “*Sigillum quartum. Quarta persecutio Assiriorum fuit sub qua decem tribus deportatae sunt.*”

“Quinto Selo. Aqui o profeta Jeremias profetizou, predisse e viu a destruição do templo, e chorou a ruina do povo em um alfabeto triplo.” (*Ms. 528, f. 274r*, tradução própria).¹⁵

Menção explícita ao *Livro das Lamentações*, no qual o profeta Jeremias relata amargamente, em verso, a queda e destruição de Jerusalém por Nabucodonosor II (642 – 564 a.C.), rei do Império Neobabilônico, no ano 586 a.C.

A expressão “em um alfabeto triplo” tem a ver com que os quatro primeiros capítulos de *Lamentações* estão organizados a partir das 22 letras do alfabeto hebraico (*Aleph, Beth, Ghimel, etc.*). Destes quatro, os capítulos I, II e IV iniciam cada versículo com uma letra distinta do alfabeto. No entanto, o Livro III repete a mesma letra inicial durante três versículos seguidos, completando 66 versículos. Deste modo, o número três possui uma certa importância em *Lamentações*: três capítulos com a mesma estrutura; o Capítulo III, três vezes maior, repete três vezes a mesma letra do alfabeto.

“A quinta perseguição foi a dos caldeus, sob a qual os muros da Cidade Santa foram derrubados. Dentro da cidade, o santo templo foi consumido pelo fogo, enquanto o povo ficou cativo na Babilônia.” (*Ms. 528, f. 274r*, tradução própria).¹⁶

“Sexto Selo. A sexta perseguição, a dos medos, é dirigida contra a Babilônia.” (*Ms. 528, f. 274r*, tradução própria).¹⁷

Aqui os medos são tomados como o instrumento divino para a destruição da Babilônia que precede a vinda de Cristo. Eles são mencionados na *Profecia de Jeremias* (Jr. 25:25; 51:11; 51:28) e na *Profecia de Isaías* (Is. 13:17; 21:2).

Entretanto, a queda da Babilônia aconteceu em 539 a.C., por obra do rei aquemênida Ciro II, mencionado também na *Profecia de Isaías* (Is. 44: 26-28; 45: 1-2), *Livro de Esdras* (Esd. 1: 2-4), celebrado como o libertador do povo judeu no cativeiro e como o promotor da reconstrução do templo em Jerusalém.

¹⁵ “Sigillum quintum. Hic prophetauit Ieremias propheta, urbis et templi destructionem praedixit et uidit, et tristitia populi ruinam triplici alphabeto defleuit.”

¹⁶ “Quinta persecutio caldeorum fuit, sub qua ciuitatis sanctae muri prosternuntur. Intra sanctum templum igne consumitur; populus dum Babilone captiuus.”

¹⁷ “Sigillum sextum. Sexta persecutio Medorum contra Babilonem dirigitur.”

O episódio da queda da cidade é relatado também na *História* de Heródoto (Hdt. *Historia*. 190-191). O manuscrito *BnF Latin 11864* acrescenta a linha “e contra os filhos de Israel que estavam disseminados nas terras dos assírios.” (*BnF Latin 11864* f. 154v, tradução própria).¹⁸

“No mesmo Selfo, é desatada, sob Antíoco, a sétima perseguição contra as leis da terra, destacando-se sobre todas as perseguições de outros tempos.” (*Ms. 528*, f. 274r, tradução própria).¹⁹

Refere-se à repressão na Judeia do rei Antíoco IV Epífanés (215-163 a.C.), ocorrida em 167 a.C., por meio da emissão de um decreto que impedia a prática de rituais religiosos judaicos e destinava o templo reconstruído de Jerusalém ao culto a Zeus (Diod. Sic. *Bibliotheca Historica*. 34, 1). A resistência dos judeus à proibição e à assimilação cultural provocou a perseguição e morte de muitos, bem como a Revolta dos Macabeus (167 – 164 a.C.), relatada nos *Livros I e II dos Macabeus* e na *Guerra dos Judeus* de Flávio Josefo (Fl. Josefo, *Guerra dos Judeus*, Livro I, 6-8).

Aqui foi detectada uma divergência entre os manuscritos *Ms. 528* e *BnF Latin 11864*. Na versão do *Ms. 528* de Le Labo – Cambrai, o copista colocou o comentário da sétima perseguição na sequência da sexta e antes do Sétimo Selo, iniciando o parágrafo com a expressão “No mesmo Selo”, referindo-se ao Sexto: “No mesmo Selo foi a sétima perseguição, desatada por Antíoco” (*Ms. 528*, f. 274r, tradução própria).²⁰

No entanto, no *BnF Latin 11864*, tanto a sétima perseguição quanto a vinda de Elias, na pessoa de João Batista, estão relacionadas com o Sétimo Selo.

“Elias já chegou e não o reconheceram. Jesus.” (*Ms. 528*. f. 274r, tradução própria).²¹

“Sétimo Selo.” (*Ms. 528*. f. 274r, tradução própria).²²

A direita da genealogia do Antigo Testamento, foram redigidos os comentários sobre reis:

¹⁸ “et contra filios Israel qui in Assyrios dispersi erant.”

¹⁹ “Eodem sigillo persecutio septima sub Anthioco terrae contra legitima concitatur cunctas aliorum temporum persecutio excellens.”

²⁰ “Eodem sigillo persecutio septima sub Anthioco.”

²¹ “Elias iam uenit et non cognoverunt eum. Jesus.”

²² “Sigillum septimum.”



David: “Aqui foram dados ao povo de Israel o reino e a paz.” (*Ms. 528. f. 274r*, tradução própria).²³

O comentário destaca a unificação dos reinos de Judá e de Israel no ano 1006 a.C., sua estabilidade e expansão durante o reinado de David (1006 – 966 a.C.), destacando-se principalmente a conquista de Jerusalém e seu estabelecimento como capital, episódios que fazem parte do *Livro II de Samuel* (Sm. 8: 1-10: 19). A paz à qual se refere o comentário é, na verdade, a paz que segue à conquista.

Roboão: “Aqui se separam as dez Dez Tribos da Casa de David e, sendo persuadidos seus reis, prestam culto a dois bezerros.” (*Ms. 528. f. 274r*, tradução própria).²⁴

Durante o reinado de Roboão (932 – 914 a.C.), a pressão tributária sobre os súbditos provocou a rebelião e cisma das tribos do norte de Israel (1 Rs. 12: 3-11). Para evitar que os súbditos fossem a Jerusalém fazer os ritos de sacrifício, ele erigiu dois bezerros de ouro em Betel e Dã (1 Rs. 12: 25-33).

Jorão. Desde o começo, no primeiro ano, do nascimento de Acabe até a morte de Jorão, há dezenas de períodos de 70 anos, descontado, claro, o décimo sétimo período septuagénario (a genealogia suprime os setenta anos nos quais Hazael, rei da Síria; Jeú, rei de Israel; e a impiedosíssima Atalia afligiram Judá e Israel). (*Ms. 528. f. 274r*, tradução própria).²⁵

Ezequias:

Nos dias do rei Ezequias houve grande paz na terra de Judá. Deus lhe concedeu quinze anos a mais de vida e protegeu a cidade de Jerusalém dos reis assírios. Ele foi fortalecido na sua fé com o seguinte sinal: o sol, que estava se pondo e quase chegando já no ocaso, Deus fez que voltasse atrás dez linhas no relógio de Acaz. Mostra-se, por meio desta crónica

²³ “Hic regnum et pax data est populo Israel.”

²⁴ “Hic decem tribus scinduntur a domo Dauid suisque regibus inuitentibus uitulos duos colunt.”

²⁵ Primo anno a principio nativitatis Ahabbe usque ad obitum Ioram septuagenarii xvi erepto uero septuagenario xvii per annos lxx genealogia interraditur, in quibus Assael, rex Syriae; Hieu, rex Israel; et Athalia impiissima Iudam et Israel affligerunt.

dupla, o que isto significa: se, de fato, você for contando desde Judá e Peres até Ezequias e quiser voltar para atrás, achará dez gerações. E daí até a deportação, cinco gerações, pelo qual há que se considerar também o que significa na crónica espiritual (*Ms. 528. f. 274r*, tradução própria).²⁶

O reinado de Ezequias, segundo o *Livro II das Crônicas*, foi um período caracterizado pelas ofertas de paz, em forma de inúmeros sacrifícios a Deus (II Cr. 29: 35; 30: 22; 31: 2), pela vitória sobre os assírios que invadiram Judá e cercaram Jerusalém, comandados pelo rei Senaqueribe, por meio da intercessão divina (II Cr. 32: 20). Depois, houve um período de paz com os vizinhos (II Cr. 32: 22). Já o episódio do relógio é relatado no *Livro II dos Reis* (II Rs. 20: 8).

A última parte do comentário relaciona o episódio bíblico do relógio com a organização das gerações na *Concordia*. Segundo Daniel (1983, p. 40), Joaquim contou 60 gerações ou 6 décadas de gerações desde Ozias até o fim do segundo status, além do qual abrangia o *sabbath* onde as gerações não eram contadas. No intuito de obter um número similar entre Adão e Zorobabel, desenvolveu dois métodos de contagem:

Primeiramente, acrescentou Joseph, Samgar e Isboseth à linha de juízes, para que assim esta linha tivesse 10 gerações a mais do que a linha de Mateus; em segundo lugar, voltou a Ezequias, a cujo reino Deus tinha acrescentado 15 anos. Baseado nisso, Joaquim arguiu que as dez gerações entre Asa e Ezequias deveriam ser contadas duas vezes. Por meio destes métodos, 60 gerações poderiam ser contadas entre Adão e Zorobabel, depois do qual, o restante do primeiro *tempus* foi considerado como se fosse *Sabbath*.

²⁶ *Ezechiae regis diebus, pax magna fuit in terra Iuda. Addidit enim Deus illi quindecim annos urbemque Ierusalem a regibus Assiriae protexit. Tali uero signo roboratus est fide ut sol qui descenderat in horologio Achaaz et prope ad occasum unde uenerat reuertetur decem lineis, quod ex hac duplici chronica quid significet ostenditur. Si enim descensum feceris per Iudam et Phares usque ad Ezechiam reuerti uolueris, decem generationes inuenies. Exinde usque ad transmigrationem, quinque, quod quid significet et in spirituali chronica considerandum.*

Josias: “O rei Josias dirigiu o exército contra o rei do Egito, pelo qual foi superado. E este combate foi o início da ruina na terra de Judá.” (*Ms. 528. f. 274r*, tradução própria).²⁷

O comentário refere-se à batalha, em 610 a.C., entre este rei e o faraó Neco II, quem estava atravessando os territórios de Judá para enfrentar a coalizão medo-persa. O exército de Josias tentou interceptá-lo e foi derrotado, sendo mortalmente ferido no confronto (II Cr. 35: 20-28).

Joacaz: “O Faraó depôs pela força o rei Joacaz e o levou consigo, de Jerusalém ao Egito.” (*Ms. 528. f. 274r*, tradução própria).²⁸

Após a morte de Josias, seu filho Joacaz subiu ao trono e promoveu uma política de aversão aos egípcios, motivo pelo qual foi deposto e levado ao Egito, em 609 a.C., por Neco II. O faraó o substituiu por Eliaquim, conhecido também como Joaquim, o irmão mais velho de Joacaz (II Cr. 36: 1-4).

Joaquim: “O rei da Babilônia se levantou contra Joaquim, e este foi feito seu escravo.” (*Ms. 528. f. 274r*, tradução própria).²⁹

Joaquim governou de 609 a 598 a.C., apoiado pelo faraó. Quando os egípcios foram derrotados na batalha de Carquemis, em 605 a. C., pelo exército de Nabucodonosor II, a Babilônia se erigiu como potência hegemônica da região. Em 598 a.C., Nabucodonosor sitiou Jerusalém, fazendo com que Joaquim se declarasse seu vassalo, lhe pagasse tributos e lhe entregasse membros da nobreza como reféns (II Rs. 24: 1-17).

Jeconias: “O rei Jeconias foi levado até o rei da Babilônia. Ele, apesar de ser recebido de maneira indigna em um primeiro momento, logo depois foi tratado dignamente.” (*Ms. 528. f. 274r*, tradução própria).³⁰

Jeconias reinou apenas três meses, entre 598 e 597 a.C., e era filho de Joaquim. Ele se entregou a Nabucodonosor II durante o cerco a Jerusalém, foi deportado a Babilônia junto a milhares de pessoas, principalmente nobres, soldados e artesãos. Foi liberado em 562 a.C.

²⁷ *Iosias rex duxit exercitum contra regem Aegypti a quo et superatus est, quod proelium initium fuit ruinae in terra Iuda.*

²⁸ “*Iocas regem amouit Pharaon ab Ierusalem secumque duxit in Aegyptum.*”

²⁹ “*Contra Joachim ascendit rex Babilonis, etiusque seruus Joachim factus est.*”

³⁰ “*Jeconias rex egressus est ad regem Babilonis qui quamuis primo indigne receptus fuerit; postea tamen digne habitus est.*”



(II Cr. 36: 9 -10; II Rs. 24: 8-17). Já no cativeiro, segundo o Livro II dos Reis (II Rs. 25: 27-30), recebia o sustento diário e vestes novas.

Zorobabel: “Aqui Jerusalém foi reconstruída de novo, apressuradamente, durante o reinado dos monarcas persas e medos. Estes, em lugar dos reis, colocaram em Judá os que, na verdade, eram os príncipes.” (*Ms. 528. f. 274r*, tradução própria).³¹

Zorobabel liderou, em 539 a.C., o primeiro grupo de judeus que retornaram a Judá após o cativeiro em Babilônia. Com a permissão do rei persa Ciro II, ele pôde iniciar a reconstrução o templo de Jerusalém (Ed. 3: 8). Os príncipes do comentário são Matanias, tio de Joaquim (II Rs. 24: 17), quem mudou seu nome para Zedequias e, Gedalias (*Ibid. 25: 22-24*), ambos colocados por Nabucodonosor II.

Os dois últimos personagens desta relação são João Batista e o próprio Cristo:

“João Batista. Fim do Antigo Testamento. J. C.” (*Ms. 528. f. 274r*, tradução própria).³²

“Primeira vinda de Cristo.” (*Ms. 528. f. 274r*, tradução própria).³³

8 A genealogia do Novo Testamento

Paralela à genealogia do Antigo Testamento, na metade direita do folio 274r do manuscrito de Cambrai, localiza-se uma cronologia papal organizada em duas colunas, com comentários às margens, que corresponde à genealogia do Novo Testamento, às gerações que vão desde a primeira vinda de Cristo até a segunda, a Parúsia, e o fim dos tempos.

Na coluna da esquerda, estão distribuídos 41 períodos de 30 anos, redigidos em algarismos romanos (XXX, LX, XC, etc.), desde o ano 30 d.C. até 1260. Depois, a volta de Elias sem data e, por fim, Cristo. Na coluna da direita, foram listados os papas correspondentes a cada um desses anos. Como acontecia no caso das genealogias do Antigo Testamento, a leitura da cronologia papal segue a ordem ascendente,

³¹ “Zorobabel. Hic iterum reedificata est Ierusalem in angustia temporum regnantibus et Persarum et Medorum regibus in Iuda uero pro regibus principes esse ceperunt.”

³² “Iohannes Baptista. Finis Ueteris Testamenti. IX.”

³³ “Primus aduentus Christi.”

começando na parte inferior do fólio em Pedro, o primeiro papa, no ano 30 (XXX), e subindo até Alexandre III em 1170 (MCLXX). As datas de 1200, 1230 e 1260 não foram atreladas a nenhum papa, ficaram em branco, o que dá a entender que o fólio de Cambrai foi escrito entre 1170 e 1200 (Pascua Vílchez, 2019, p. 117). Já a tabela do manuscrito *BnF Latin 11864*, acrescenta o papa Inocêncio III no ano 1200. Portanto, cabe deduzir que esse fólio foi acabado entre 1200 e 1230.

Por sua vez, à direita dos nomes dos papas, estão distribuídos os comentários sobre a abertura dos Sete Selos e sobre as sete perseguições sofridas pelo povo cristão. No entanto, faltam no *Ms. 528* os comentários sobre as perseguições terceira e quarta, que foram redigidos no manuscrito *BnF Latin 11864*. Existem também lacunas devidas ao deterioro do fólio. Acrescentamos esses dois comentários na transcrição do fólio de Cambrai entre colchetes.

A análise da cronologia mostrou inconsistências na sequência das datas. O copista de Cambrai redigiu os anos 210, 870 e 1140 como *CCI*, *DCCCCLXX* e *MXXL*, em vez da forma correta *CCX*, *DCCCLXX*, *MCXL*. Essas inconsistências não se produziram no manuscrito *BnF Latin 11864*.

Além disso, os papas da lista de Cambrai não se distinguem de seus predecessores ou sucessores homônimos, por meio do numeral ordinal correspondente (João IX, João XV, etc.). Desse modo, há dois papas Sérgio, dois papas Leão, seis papas João e três papas Gregório. Distinguem-se apenas os três últimos: Pascoal II, Inocêncio II e Alexandre III. Identifica-se também o papa Gregório do ano 630 pelo título de *doctor*, em referência a Gregório I, Doutor da Igreja. Entretanto, a tabela do manuscrito *BnF Latin 11864* distingue perfeitamente os papas homônimos, com o numeral ordinal correspondente.

Evidenciaram-se também divergências entre as cronologias papais dos manuscritos *Ms. 528* e *BnF Latin 11864*. Existe coincidência entre ambas apenas no período compreendido entre os anos 900 e 1170. Todavia, verificou-se um padrão na sequência dos nomes, entre os anos 210 e 870:

O papa da tabela de Cambrai se corresponde com o mesmo papa do *BnF Latin 11864* trinta anos antes. Ou seja, em 240, o papa da tabela de Cambrai é Eleutério e, no *BnF Latin 11864*, este papa corresponde ao ano 210. O padrão se repete até o ano 870, em que o papa de Cambrai é Sérgio, o mesmo papa que, no *BnF Latin 11864*, se atrela ao ano 840 (Sérgio IV).

Este desfase de trinta anos entre os dois manuscritos pode explicar-se atendendo aos nomes dos papas entre 870 e 930. No *BnF Latin 11864*, a sequência é: João VIII (870); João IX (900); e João XI (930), três papas João seguidos. Por sua vez, no *Ms. 528*: Sérgio (870); João (900); e João (930). Entendemos que a sequência de três papas com o mesmo nome João pôde ter causado, no copista de Cambrai, a omissão de um deles, seja por desatenção, engano, erro no ditado anterior, erro no antígrafo, etc. De acordo com Quetglás (2006, p. 35-36), omissões, transposições e adições constituem erros típicos no labor de cópia nos *scriptoria* medievais.

No ano 180, o nome Sixto coincide em ambos os manuscritos. Entre os anos 90 e 150, se produz de novo o desfase de 30 anos e, no ano 60, coincidem em Pedro. Para dilucidar a verdadeira ordem na sequência dos papas e sua relação com a cronologia trigesimal foi feita uma consulta tanto no *Anuário Pontifício* (1998) quanto no *Liber Pontificalis* (Duchesne, 1886; 1892).

Pois bem, o resultado das consultas (Tabela 1) mostrou coincidência plena entre as três listas somente de 1050 a 1170. Depois, se desconsiderarmos o desfase de 30 anos entre as listas do *Ms. 528* e do *BnF Latin 11864* pela omissão do papa João VIII no primeiro manuscrito, existiria coincidência plena entre as três listas nos anos 900, 510 – 780 e 450.

Tabela 1: Cronologia papal comparada do *Ms. 528*, com o *BnF Latin 11864*, o *Anuário Pontifício* e o *Liber Pontificalis*.

Ano	Ms. 528 de Le Labo	BnF Latin 11864	Anuário Pontifício/Liber Pontificalis
1260			Alexandre IV (1254 – 1261).
1230			Gregório IX (1227 – 1241).
1200		Inocêncio III.	Inocêncio III (1198 – 1216).
1170	Alexandre III.	Alexandre III.	Alexandre III (1159 – 1181) ³⁴ .
1140	Inocêncio II.	Inocêncio II.	Inocêncio II (1130 – 1143) ³⁵ .
1110	Pascoal II.	Pascoal II.	Pascoal II (1099 – 1118). ³⁶

³⁴ Houve até quatro antipapas durante seu pontificado: Vítor IV (1159 – 1164); Pascoal III (1164 – 1168); Calisto III (1168 – 1178); e Inocêncio III (1179 – 1180).

³⁵ Durante seu papado surgiram dois antipapas: Anacleto II (1130 – 1138) e Vítor IV (1138).

³⁶ Neste período houve até três antipapas: Teoderico (1100 – 1102); Alberto (1102); e Silvestre IV (1105 – 1111).

1080	Gregório.	Gregório VII.	Gregório VII (1073 – 1085). ⁴
1050	Leão.	Leão IX.	Leão IX (1049 – 1054).
1020	João.	João XIX.	Bento VIII (1012 – 1024).
990	João.	João XV.	João XV (985 – 996).
960	Bento.	Bento V.	João XII (955 – 964).
930	João.	João XI.	Estevão VII (VIII) ⁵ (928 – 931).
900	João.	João IX.	João IX (898 – 900). ⁶
870	Sérgio.	João VIII.	Adriano II (867 – 872).
840	Estevão.	Sérgio VI.	Gregório IV (827 – 844).
810	Adriano.	Estevão IV.	Leão III (795 – 816).
780	Zacarias.	Adriano I.	Adriano I (772 – 795).
750	Gregório.	Zacarias.	Zacarias (741 – 752).
720	Sérgio.	Gregório II.	Gregório II (715 – 731).
690	Viteliano.	Sérgio I.	Sérgio I (687 – 701).
660	Honório.	Vitaliano.	Vitaliano (657 – 672).
630	Gregório Doutor.	Honório II.	Honório I (625 – 638).
600	João.	Gregório I.	Gregório I (590 – 604).
570	Vigílio.	João III.	João III (561 – 574).
540	Símaco.	Vigílio.	Vigílio (537 – 555).
510	Félix.	Símaco.	Símaco (498 – 514).
480	Leão.	Félix.	Simplício (468 – 483).
450	Zósimo.	Leão I.	Leão I (440 – 461).
420	Dâmaso.	Zósimo.	Bonifácio I (418 – 422).
390	Silvestre.	Dâmaso I.	Sirício (384 – 399).
360	Marcelo.	Silvestre.	Líberio (352 – 366). ⁷

³⁷ Neste período houve um antipapa Clemente III (1080 – 1100), durante a Controvérsia das Investiduras.

³⁸ Os papas chamados “Estevão” possuem numeração dupla. Isto deve-se a que, após a morte do papa Zacarias em 752, foi eleito um sacerdote romano, Estevão (II), falecido três dias depois, sem ter sido consagrado, não podendo ser considerado papa legalmente. O sucessor deste foi nomeado Estevão II (Estevão III, se considerado o papa efêmero).

³⁹ Segundo o Anuário Pontifício (1998, p. 13), João IX faleceu em janeiro de 900. Foi sucedido por Bento IV (900 – 903), em janeiro – fevereiro desse mesmo ano.

⁴⁰ Houve neste período um antipapa, Félix II (355 – 365).

330	Caio.	Marcelo.	Silvestre I (314 – 335).
300	Cornélio.	Caio.	Marcelino (296 – 304).
270	Calixto.	Cornélio.	Félix I (269 – 274).
240	Eleutério	Calixto	Fabiano (236 – 250).
210	Anacleto.	Eleutério	Zeferino (199 – 217).
180	Sixto.	Sixto.	Eleutério (175 – 189).
150	Clemente.	Anacleto.	Pio I (140 – 155).
120	Lino.	Clemente.	Sixto I (115 – 125).
90	João.	Lino.	Clemente (88 – 97).
60	Pedro.	Pedro.	Pedro (– 64 ou 67).

Fonte: criação do autor.

À esquerda das datas em algarismos romanos, localizam-se os comentários sobre fatos históricos referidos à Igreja Católica e a cinco papas em particular: Zacarias, Leão IX, Gregório VII, Pascoal II e Inocêncio II:

Ano 120: “Barnabé.” (*Ms. 528. f. 274r*, tradução própria).⁴¹

Segundo a tradição, Barnabé foi martirizado no ano 61, em Salamina. Seu nome foi escrito junto ao ano 120 para estar alinhado horizontalmente com os nomes de Moisés, Arão e Paulo. No manuscrito *BnF Latin 11864*, Barnabás se corresponde com o ano 60.

Ano 360: “Aqui o reino e a paz foram dados ao povo cristiano. Aqui se completou o primeiro ano magno, equivalente a doze vezes trinta anos.” (*Ms. 528. f. 274r*, tradução própria).⁴²

Referência ao Édito de Tessalônica, decretado pelo imperador Teodósio II em 27 de fevereiro de 380, por meio do qual o cristianismo se tornou a religião oficial do Império Romano.

Ano 420: “Aqui as igrejas gregas se afastam da fé romana. Seus bispos arianos, apoiando-se entre si, uns blasfemam contra Cristo, outros contra o Espírito Santo.” (*Ms. 528. f. 274r*, tradução própria).⁴³

⁴¹ “BARNABAS.”

⁴² “*Hic regnum et pax populo Christiano datur. Hic completus magnus primus annus tricenarius xii.*”

⁴³ “*Hic Graecorum ecclesiae scinduntur a fide Romana suisque Arrianis episcopis innitentibus alii in Christum alii in Spiritum Sanctum blasphemant.*”



A disputa teológica entre Ario e Alexandre ocorreu no Concílio de Niceia (325). Entretanto, a cisma das igrejas ortodoxas orientais foi consequência do Concílio de Calcedônia (451), devido à controvérsia entre monofisitas e nestorianos em relação à natureza de Cristo e do Espírito Santo, o que provocou a separação das igrejas copta, siríaca e armênia.

Ano 720: “Aqui completou-se o segundo ano magno, equivalente a vinte e quatro vezes trinta anos.” (*Ms. 528. f. 274r*, tradução própria).⁴⁴

Ano 750: “Nos dias do papa Zacarias, a Itália permaneceu calma e com paz duradoura.” (*Ms. 528. f. 274r*, tradução própria).⁴⁵

Segundo o *Liber Pontificalis* (1886, p. 426-439), o papado de Zacarias (741 – 752) foi caracterizado pela conciliação com o rei lombardo Luitprando e a devolução à Igreja Romana do patrimônio tomado por este anteriormente. A situação de concórdia continuou com o sucessor de Luitprando, Ratchis, ratificada por meio de um acordo de paz.

Ano 990:

Segundo o cálculo do percurso do tempo, neste quinto período da Idade Sexta a Igreja Romana tinha de ser conduzida ao ocaso do dia e ao início das trevas (pode se dizer que às trevas), mas a misericórdia de Deus fez com que o sol ficasse retido quase dez linhas em seu curso e, dessa forma, foram concedidas à Igreja Romana paz e proteção por quinze gerações (segundo o cômputo do tempo pareceria designar 450 anos). Seguinte: cinco gerações foram consideradas não em pleno dia de paz, mas como se estivessem já no cair da tarde. (*Ms. 528. f. 274r*, tradução própria).⁴⁶

Referência à divisão da história da humanidade em seis idades, estabelecida por Santo Agostinho (1863, p. 339-340) em *De catechizandis*

⁴⁴ “*Hic completus est annus secundus tricenarios xx.*”

⁴⁵ “*Zachariae papae diebus larga pace quieuit Italia.*”

⁴⁶ *Secundum rationem cursus temporis, in hac quinta proportione aetatis sextae Romana ecclesia ad occasum diei et initium tenebrarum (licet potius ad tenebras) perducenda erat, sed diuina miseratione actum est ut quasi decem lineis sol se a cursu suo compesceret, sicque per generationes quindecim (secundum rationem numeri annos ccccl designare uideritur) pax et protectio Romanae ecclesiae data est. Porro generationes quinque non in pleno pacis die sed uelut in uespere reputatae sunt.*



rudibus. A Sexta Idade abrange desde o nascimento de Cristo até sua segunda vinda, momento no qual começará Idade Espiritual ou *Sabbath*.

No Ms. 598, este comentário inicia-se entre as datas de 990 e 1020, alinhado à esquerda com o comentário do Antigo Testamento sobre o relógio de Acaz. No entanto, no *BnF Latin 11864*, o comentário está entre os anos 780 e 810, alinhado também com o mesmo comentário sobre o relógio. Considerando então a concessão divina de mais 450 anos até o fim da Idade Sexta, faz mais sentido relacionar o comentário ao ano 810, em vista de que $810+450$ dá 1260, a data do fim dos tempos.

No ano 810, houve dois eclipses solares visíveis na Europa, que geraram bastante inquietude no próprio Carlomagno (Dungal de Bobbio, 1864, p. 447).

Ano 1050: “O papa Leão mandou o exército contra os normandos, pelos quais foi superado e, desde esse momento, a Igreja Romana sofreu um contínuo prejuízo na sua autoridade.” (Ms. 528. f. 274r, tradução própria).⁴⁷

De acordo com Theotokis (2014, p. 133), o papa Leão IX tentou deter os normandos instalados no Sul da Itália que ameaçavam os Estados Pontifícios. Desse modo, armou um exército formado principalmente por lombardos e mercenários suábios, mas foi derrotado na Batalha de Civitate em 1053. O papa foi feito prisioneiro, sendo finalmente liberado pouco antes da sua morte, em 1054. A Igreja de Roma acabou por reconhecer o domínio normando sobre o Sul da Itália, por meio do Tratado de Melfi (1059).

Ano 1080:

O comandante dos Normandos levou consigo, protegido, o papa Gregorio VII, de Roma a Salerno. Aqui se completou o terceiro ano magno e, a partir desta data, teve cabimento que começasse a contar o meio ano magno, equivalente a seis vezes trinta anos atuais. (Ms. 528. f. 274r, tradução própria).⁴⁸

⁴⁷ “*Leo papa duxit exercitum contra Normannos a quibus superatus est atque ex eo tempore Romana ecclesia suae auctoritatis damna pertulit.*”

⁴⁸ “*Gregorium papam dux Normannorum a Roma sublatum secum duxit Salernum. Hic annus completus est tertius et exinde agi cepit anni dimidium hodiernos tricenarios sex.*”



Refere-se a um dos episódios provocados pela Questão das Investiduras. Segundo o *Liber Pontificalis* (1892, p. 282-290), em 1075, o papa Gregório VII publicou o *Dictatus papae*, que estabelecia o papa como autoridade suprema do mundo, por cima de reis e imperadores e impedia a nomeação de cargos eclesiásticos por laicos. No entanto, Henrique IV, imperador do Sacro Império Romano-Germânico, se rebelou, nomeou em 1080 a Clemente III como papa e, em 1084, atacou Roma. Gregório VII solicitou então a ajuda de seus aliados normandos e se refugiou no Castelo de Santo Ângelo. Foi resgatado por estes, comandados por Roberto de Altavila, quem o custodiou até Salerno.

Ano 1110: “O imperador do Sacro Império foi contra o papa Pascoal II. O papa foi capturado por ele e obrigado a fazer muitas concessões.” (*Ms. 528. f. 274r*, tradução própria).⁴⁹

Segundo o *Liber Pontificalis* (1892, p. 296-306), em 1111, o papa Pascoal II concordou em devolver todas as possessões e direitos recebidos do Sacro Império desde os tempos de Carlomagno, em troca da renúncia do imperador aos direitos históricos de investidura. Os termos do acordo provocaram uma revolta popular e o imperador Henrique V abandonou Roma, levando prisioneiro o papa.

Após 61 dias de cativeiro, Pascoal II cedeu perante o imperador, aceitando também o direito de investidura imperial. Posteriormente, em 1115, o papa foi obrigado, de novo, a ceder a imensa herança doada à Igreja pela condessa Matilde de Canossa.

Ano 1140: “O papa Inocêncio II, após consulta aos romanos, foi ao encontro do imperador do Sacro Império Romano-Germânico em Liège. O imperador, em um primeiro momento, mostrou inquietude; depois, benevolência.” (*Ms. 528. f. 274r*, tradução própria).⁵⁰

Em 1130 ocorreu uma dupla eleição papal: uma minoria de cardeais elegeu Inocêncio II; a maioria, porém, junto ao povo romano e com o apoio dos normandos, elegeu o antipapa Anacleto II. O encontro em Liège entre Inocêncio II, exilado na França, e o imperador Lotário II

⁴⁹ “Contra Paschalem papam uenit rex Theutonicus. Captus ab eo, in multis parere compulsus est.”

⁵⁰ “Innocentius papa a Romanis conuentus occurrit apud Leodium regi Theutonicorum qui et Romanorum qui primo rex animi motum ostendit postremo uero benignitatem.”

ocorreu em 1131. Durante este encontro, o imperador, segundo Duchesne (1892, p. 381), prometeu a Inocêncio acompanhá-lo até Roma. Ambos pontífices coexistiram até a morte de Anacleto em 1138.

Ano 1260:

Aqui a Igreja Romana será reconstruída de novo, apressuradamente, durante o reinado de dez monarcas que sacudirão o Império Romano. Entretanto, o Romano Pontífice, como outrora Zorobabel, governará com honradez simples, desprovido da gloria e do honor acostumados, os quais desprezará (*Ms. 528. f. 274r*, tradução própria).⁵¹

“Fim do Novo Testamento.” (*Ms. 528. f. 274r*, tradução própria).⁵²

“Segunda vinda.” (*Ms. 528. f. 274r*, tradução própria).⁵³

À direita dos nomes dos papas localizam-se os comentários sobre a abertura dos Sete Selos e sobre as sete perseguições neste período:

Pedro: “30. Abertura do Primeiro Selo.” (*Ms. 528. f. 274r*, tradução própria).⁵⁴

Lino: “Paulo. Graça.” (*Ms. 528. f. 274r*, tradução própria).⁵⁵

Anacleto: “Primeira perseguição contra a Igreja, sob a qual o povo de Cristo, muito afligido, abandonou a sinagoga e foi até os gentios, sendo Paulo e Barnabé mortos por eles.” (*Ms. 528. f. 274r*, tradução própria).⁵⁶

Refere-se à perseguição dos judeus ao próprio Cristo, a seus apóstolos e aos primeiros seguidores: Pedro e João foram presos pelas autoridades judaicas (At. 4: 1-21). O sumo sacerdote e os saduceus prenderam todos os apóstolos (At. 5: 17-19). Membros do Sanedrim apedrejaram até a morte o Estevão (At. 6: 8-7: 17). Paulo abandonou a sinagoga, junto com outros cristãos, e foi pregar na escola de Tirano (At. 19:

⁵¹ “Hic iterum restaurabitur Romana Ecclesia in angustia temporum, regnantibus decem regibus qui Romanum imperium percussuri. Romanus uero pontifex qui loco Zorobabel praesidebit simplici honore contemptus gloria et honore consueto carebit.”

⁵² “Finis Noui Testamenti.”

⁵³ “Secundus aduentus.”

⁵⁴ “XXX. Apertio sigilli primi.”

⁵⁵ “Paulus. Gratia.”

⁵⁶ “Prima persecutio contra ecclesiam, sub qua Christi populus afflictus nimis relicta synagoga uenerunt ad gentes pereuntibus se Paulo y Barnaba.”



8-10). Já as mortes de Paulo, decapitado em Roma no ano 67, e de Barnabé, apedrejado em Salamina no ano 61, fazem parte da tradição hagiográfica.

Marcelo: “Abertura do Segundo Selo.” (*Ms. 528. f. 274r*, tradução própria).⁵⁷

“A segunda perseguição foi a dos pagãos, sob a qual a Igreja, afligida, clamou veementemente a Deus e foi libertada.” (*Ms. 528. f. 274r*, tradução própria).⁵⁸

Menção à grande perseguição de Diocleciano (303 – 313), a mais sanguinária de todas as perseguições aos cristãos ocorridas durante o Império Romano: Nero (64 – 68); Domiciano (81 – 96); Trajano (109 – 111); Marco Aurélio (161 – 180); Septímiio Severo (202 – 210); Maximino (235); Décio (249 – 251); Valeriano (256 – 259); e, a última, a de Juliano (361 – 363).

A libertação da Igreja mencionada no comentário refere-se ao Édito de Tolerância de Galério (311) e ao Édito de Milão (313), assinado por Constantino e Licínio, que puseram fim às perseguições.

Símaco: “Abertura do Terceiro Selo.” (*Ms. 528. f. 274r*, tradução própria).⁵⁹

“A terceira perseguição foi a dos godos, à qual se juntaram logo depois as dos vândalos, persas e longobardos, de acordo com a visão de Daniel: ‘A terceira besta era similar ao leopardo e tinha quatro cabeças sobre ele’.” (*BnF Latin 11864. f. 154v*, tradução própria).⁶⁰

Invasões dos diferentes povos germânicos que foram ocupando o Império Romano de Ocidente, já cristianizado em sua maior parte: os godos, principalmente os do Oeste (Visigodos) pressionaram desde o século III e saquearam Roma em 410, comandados por Alarico; os vândalos pressionaram desde o ano 400 e saquearam Roma em 455; os lombardos ocuparam a Península Itálica a partir do ano 568. Os persas

⁵⁷ “*Apertio sigilli secundi.*”

⁵⁸ “*Secunda persecutio paganorum fuit, sub qua ecclesia uehementer afflictta clamauit ad Deum et liberata est.*”

⁵⁹ “*Apertio sigilli iii.*”

⁶⁰ “*Tertia persecutio Gothorum fuit cui mox Wandalica, Persica, Longobardica additae sunt, iuxta uisionem Danielis dicentis: “Tertia bestia similis erat pardo, et quattuor capita habebat super se”.*”



sassânidas atacaram e ocuparam a parte oriental do Império Bizantino nos séculos VI e VII, tomando Damasco (613) e Jerusalém (614). Já a citação do *Livro de Daniel* é Dn. 7: 6.

“Abertura do Quarto Selo” (*BnF Latin 11864*. f. 154v, tradução própria).⁶¹

“A quarta perseguição foi a dos sarracenos, sob a qual, havendo sido capturadas as igrejas dos gregos e as áticas, a maior parte de seus membros foi desprovida da sua fé.” (*BnF Latin 11864*. f. 154v, tradução própria).⁶²

Refere-se à rápida expansão dos árabes muçulmanos pelos territórios do Império Bizantino, entre os anos 632 – 661, na época do Califado Ortodoxo, período no qual foram conquistados: a Síria (637); a Armênia (639); o Egito (639); e o Norte da África (652 – 665).

Conquistas posteriores atingiram territórios da Europa Ocidental, como a Península Ibérica (711) e Sicília (827). Os muçulmanos invadiram o Reino Franco pelo Oeste, onde foram derrotados na Batalha de Tolosa (721).

Leão: “Aqui teve lugar a abertura do Quinto Selo.” (*Ms. 528*. f. 274r, tradução própria).⁶³

Pascoal II: “330.” (*Ms. 528*. f. 274r, tradução própria).⁶⁴

Alexandre III:

Quinta perseguição, na qual estamos agora. Vemos o que caberia fazer, o futuro que nos resta. Todo aquele que tenha conhecimento e bom juízo fique atento, pois já o alegórico reino de Babilônia exercita suas forças. Agora, neste momento, a Mãe de Sion é obrigada a migrar de sua cidade. 30. (*Ms. 528*. f. 274r, tradução própria).⁶⁵

A perseguição contemporânea ao autor (por volta do ano 1200) refere-se, por um lado, à dos turcos seljúcidas, que, desde a vitória na

⁶¹ “*Apertio sigilli quarti.*”

⁶² “*Quarta persecutio Sarracenorum fuit, sub qua Graecorum ecclesiis captis et Atticis maxima multitudo eorum a fide Christi absorta est.*”

⁶³ “*Hic ce[pit a]pertio [sigilli quinti].*”

⁶⁴ “*CCCXXX.*”

⁶⁵ *Quinta persecutio in qua nunc sumus quid facere cuperit uidemus. Quid futurum restet [quisque sane sapiens uigilanter] attendat. Iam enim typicum Bab[ylonis regnum suas uires] exercet. Iam iam mater Syon [ex sua ciuitate migrare compellitur]. XXX.*



Batalha de Manziquerta (1071), ocuparam toda a Anatólia, causando a perda da maioria do território de Bizâncio; por outro lado, à queda de Jerusalém em 1187, conquistada por Saladino. Por isso o lamento “A Mãe de Sion é obrigada a migrar de sua cidade.”

Os quatro últimos registros desta relação referem-se às perseguições sexta e sétima, à volta de Elias e à abertura do Sétimo Selo:

“A sexta perseguição será de muitos povos que terão dez reis. Abertura do Sexto Selo.” (*Ms. 528. f. 274r*, tradução própria).⁶⁶

“Sob a abertura do mesmo selo, haverá de ocorrer a sétima perseguição, a do Anticristo, que será pesada.” (*Ms. 528. f. 274r*, tradução própria).⁶⁷

“Quando Elias chegar, restituirá tudo.” (*Ms. 528. f. 274r*, tradução própria).⁶⁸

“Abertura do Sétimo Selo.” (*Ms. 528. f. 274r*, tradução própria).⁶⁹

9 Conclusões

A principal conclusão extraída da pesquisa é que o folio 274r do manuscrito *Ms. 528* de Le Labo – Cambrai contém uma tabela comentada que resume, a modo de esquema, os cálculos realizados por Joaquim de Fiore em *Liber Concordiae Novi ac Veteris Testamenti*, obra que estabelecia o ano 1260 como data do final dos tempos e da segunda vinda de Cristo. Os cálculos estavam baseados em episódios do Antigo Testamento que tinham eco ou paralelo em fatos ocorridos em tempo histórico, depois de Cristo, relacionados com um determinado número (3, 7, 10, 12, 42, 60, 63, 70) e organizados em 42 gerações, 7 selos e 7 guerras.

Depois, conclui-se que a escrita do folio ocorreu entre 1196 e 1199. A data de 1196 se relaciona com o ano da finalização e apresentação ao papa do *Liber Concordiae* por Joaquim de Fiore e a de 1199 com a cronologia trigesimal dos papas na metade direita do folio:

⁶⁶ “*Sexta persecutio populorum multorum [x reges habentium]. Apertio sigilli vi.*”

⁶⁷ “*Sub eiusdem apertione sigilli pers[ecutio septima quae grauis futura] est Antichristi.*”

⁶⁸ “*Helias cum uenerit tempore restituet omnia.*”

⁶⁹ “*Apertio sigilli vii.*”



Por um lado, na carta-testamento de Joaquim, datada em 1200 (Daniel, 1983, p. 26), ele menciona o *Liber Concordiae* como uma de suas obras acabadas. Acrescenta ainda que foi acabada com tempo suficiente para ser apresentada ao papado. Ele esteve em Roma em 1196, quando Celestino III (1191 – 1198) aprovou a constituição da Ordem de Fiore. No entanto, Reeves e Hirsch-Reich (1972, p. 12-14) sugerem que Joachim pode ter voltado a Roma no começo do pontificado de Inocêncio III (1198 – 1216) e, desse modo, ter-lhe podido apresentar a obra terminada.

Por outro lado, o último nome escrito na lista trigesimal de papas foi o de Alexandre III, em 1170, enquanto as datas de 1200 até 1260 ficaram em branco, sem papa relacionado.

O fato da datação possui certa relevância, levando em consideração a brevidade do tempo transcorrido entre a apresentação da obra ao papa por Joaquim de Fiore e a cópia das tabelas em Cambrai e em Corbie. Entendemos que, uma vez que o *Liber Concordiae* recebeu a anuência ou autorização papal, as previsões de Joaquim deveram causar certo desassossego entre os contemporâneos e provocaram a rápida cópia de uma tabela, em apenas um folio, com o esquema resumido de todas as informações pertinentes. A cópia do manuscrito completo teria levado meses de trabalho. Note-se que, salvo o manuscrito *Vat.lat.4861*, todos os outros são bastante posteriores a 1260.

Além disso, foi comprovado que a tabela de Cambrai não foi a única de seu tipo. Existe outra, quase idêntica, elaborada na Abadia de Corbie e depositada atualmente na Biblioteca Nacional da França. Ambas têm em comum que foram colocadas ao final do respectivo códice, sendo um tipo de texto que não possui relação direta com o conteúdo do manuscrito no qual foram inseridos: no caso do *Ms. 528* de Le Labo – Cambrai, homilias e sermões de padres da Igreja; no caso do *BnF Latin 11864*, a correspondência entre os bispos Bráulio de Saragoça e Isidoro de Sevilha e as *Etimologias* deste último.

Ademais, a ficha catalográfica do manuscrito do *Ms. 528* de Le Labo – Cambrai não informa da tabela como parte do conteúdo do códice. A *Bibliothèque numérique de l'IRHT* informa apenas de que se trata de um homiliário. Por sua vez, a *Bibliothèque Nationale de France* é mais



específica a respeito do *BnF Latin 11864* e descreve o conteúdo completo do códice, incluindo *Explication des sept sceaux de l'Apocalypse*.

Todavia, apesar de que as duas tabelas partem de um modelo comum, apresentam sensíveis diferenças entre si: a de Cambrai foi redigida de maneira pouco acurada, faltam os comentários a dois selos, não distingue os papas homônimos, a lista de papas diverge muito com a lista oficial do *Anuário Pontifício* e do *Liber Pontificalis* e inclui três erros na sequência trigesimal em algorismos romanos; já a tabela de Corbie foi redigida de maneira mais cuidada, com todos os comentários relativos aos selos, distingue claramente entre papas homônimos, a lista de papas é mais precisa em relação à lista oficial, e inclui comentários que ajudam o leitor a entender melhor o conjunto. Além disso, ela informa do papa Inocêncio III em 1200. Portanto, é posterior à tabela de Cambrai.

Referências

- ALMEIDA, J. F. D. *Bíblia Almeida Corrigida Fiel (ACF)*. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2007. 1413p.
- ARCA BIBLIOTHÈQUE NUMÉRIQUE DE L'IRHT. Homepage. [s.d.]. Disponível em: <https://arca.irht.cnrs.fr/>. Acesso em: 03 de dezembro de 2025.
- ARCA BIBLIOTHÈQUE NUMÉRIQUE DE L'IRHT. *Ms. 528* (0487). Homiliarium. Século XII. 274f. Disponível em: <https://arca.irht.cnrs.fr/ark:/63955/md999593x90b#Reproductions>. Acesso em 07 de abril de 2024.
- BIBLIOTHECA APOSTOLICA VATICANA. *Arch. Cap.S.Pietro.D.205*. Ioachim de Flore. *Liber Concordiae Veteris ac Novi Testamenti*. Séc. XV. 1401 – 1425. 189f. Disponível em: https://digi.vatlib.it/view/MSS_Arch.Cap.S.Pietro.D.205. Acesso em 11 de novembro de 2024.
- BIBLIOTHECA APOSTOLICA VATICANA. *Borgh.190*. Ioachim de Flore. *Liber Concordiae Novi ac Veteris Testamenti*. Século XIV. 1301 – 1400. 191f. Disponível em: https://digi.vatlib.it/view/MSS_Borgh.190. Acesso em 11 de novembro de 2024.
- BIBLIOTHECA APOSTOLICA VATICANA. *Vat.lat.3821*. Ioachim de Flore, *Liber Concordiae Veteris ac Novi Testamenti*. Século XV. 1401 – 1500. 152f. Disponível em: https://digi.vatlib.it/view/MSS_Vat.lat.3821. Acesso em 11 de novembro de 2024.



BIBLIOTHECA APOSTOLICA VATICANA. *Vat.lat.4860*. Ioachim de Flore, Liber Concordiae Veteris ac Novi Testamenti. Século XIII – XIV. 1276 – 1325. 292f. Disponível em: https://digi.vatlib.it/view/MSS_Vat.lat.4860. Acesso em 11 de novembro de 2024.

BIBLIOTHECA APOSTOLICA VATICANA. *Vat.lat.4861*. Ioachim de Flore, Liber Concordiae Veteris ac Novi Testamenti. Século XIII. 214f. Disponível em: https://digi.vatlib.it/view/MSS_Vat.lat.4861. Acesso em 08 de setembro de 2024.

BIBLIOTHEQUE NATIONALE DE FRANCE. *BnF Latin 3320*. Joachim abbas Florensis. Concordia Veteris ac Novi Testamenti. Século XIV. 1301 – 1350. 102f. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b10720841b>. Acesso em 11 de novembro de 2024.

BIBLIOTHEQUE NATIONALE DE FRANCE. *BnF Latin 11864*. Étymologies d'Isidore, précédées de la correspondance avec l'év. Braulion. Século XII. 1190 – 1210. 154f. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b9065867f/f1.planchecontact.r=11864>. Acesso em 16 de junho de 2024.

CRANE, G.; BAMMAN, D.; BABEU, A. ePhilology: when the books talk to their readers. In: SIEMENS, R.; SCHREIBMAN, S. (Orgs.). *A Companion to Digital Literary Studies*. Oxford: Blackwell, 2008, p. 1-40. Disponível em: <http://www.digitalhumanities.org/companionDLS/>. Acesso em: 03 de dezembro de 2025.

COSTA, A. D. J. D. *Normas gerais de transcrição e publicação de documentos e textos medievais e modernos*. 3^a Ed. Coimbra: Instituto de Paleografia e Diplomática Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1993. 80p.

DANIEL, E. R. Abbot Joachim of Fiore Liber de Concordia Veteris ac Noui Testamenti. *Transactions of The American Philosophical Society*, v. 73, n. 8, p. 1-455, 1983. DIODORO SÍCULO. *Bibliotheca Historica*. Londres: William Heinemann LTD., 1984. 526p.

DUCHESNE, L. *Liber Pontificalis*. Paris: Ernest Thorin, 1886. Vol. 1. 831p.

DUCHESNE, L. *Liber Pontificalis*. Paris: Ernest Thorin, 1892. Vol. 2. 770p.

DUNGAL DE BOBBIO. *Traditio Catholica. Saeculum IX. Anni 821 – 836*. Patrologiae Cursus Completus. Series Latina. Tomus CV. Paris: J. P. Migne, 1864. 1404p.



FLÁVIO JOSEFO. *The Jewish War, Books I – III*. Londres: William Heinemann LTD., 1956. 790p.

GODOI, P. W. A cor do pergaminho nas iluminuras do manuscrito BM Cambrai 528 (século XII). *Caiana. Revista de Historia del Arte y Cultura Visual del Centro Argentino de Investigadores de Arte (CAIA)*, Buenos Aires, n. 23, p. 25-42, 2023.

GODOI, P. W. Cabeças cortadas: a decapitação de mártires no manuscrito BM Cambrai 528 (séc. XII). In: VISALLI, A. M.; VIEIRA, J. R. (Org.). *Imagem, religiões e religiosidades*. 1ed. Londrina: LEDI, 2022, v. 1, p. 246-271.

GODOI, P. W. Furos e cortes: materialidade e suporte das imagens medievais no Homiliário de Saint-André-du-Câteau (BM Cambrai 528). In: PEREIRA, M. C. C. L.; SOUZA, M. I. E. D. D. (Org.). *Encontros com as imagens medievais: volume II*. 1^a ed. São Paulo: FFLCH/USP, 2021. v. II. p. 162-185.

HERÓDOTO. *Historia. Books I-II*. Londres: William Heinemann LTD., 2007. 546p.

MINISTÈRE DE LA CULTURE. POP : la plateforme ouverte du patrimoine. [Homepage]. [s. d.] Disponível em: <https://pop.culture.gouv.fr/search/mosaic?base=%5B%22Enluminures%20%28Enluminures%29%22%5D>. Acesso em: 03 de dezembro de 2025.

PASCUA VÍLCHEZ, F. El Liber Sancti Andreae de Castello: descripción y análisis del manuscrito Ms 528 de la Bibliothèque Municipale de Cambrai. *Medievalis*. Rio de Janeiro, vol. 8, n° 1, p. 1 – 27, abr. 2019.

PASCUA VÍLCHEZ, F. El pantocrátor del Liber Sancti Andreae de Castello: un estudio del folio 2r del manuscrito Ms 528 de Cambrai. *Tempos Históricos*: Marechal Cândido Rondon, vol. 24, n° 1, p. 303-333, nov. 2020.

PASCUA VÍLCHEZ, F. Sermo de Nativitate Sanctae Mariae: un estudio sobre el folio 191 del manuscrito Ms. 528 de Cambrai. *Intertexto*: Uberaba, vol. 14, n° Especial, p. 334 – 357. 2021. QUETGLÁS, P. J. *Elementos básicos de filología y lingüística latina*. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2006. 198p.

REEVES, M; HIRSCH-REICH, B. *The figurae of Joachim of Fiore*. Oxford: Clarendon Press, 1972. 406p.

SANTO AGOSTINHO. *Sancti Aurelii Augustini, Hipponeensis Episcopi, Opera Omnia*. Patrologiae Cursus Completus. Series Latina. Tomus XL. Paris: J. P. Migne, 1863. 1396p.



SCHILLER, G. *Iconography of Christian Art*. Vol. 1. Greenwich: New York Graphic Society Ltd., 1971. 477p.

SEGRETERIA DE STATO DELLA SANTA SEDE. *Annuario Pontificio per L'anno 1998*. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1998. 2484p.

SOUSA, M. C. P. A Filologia Digital em língua portuguesa: alguns caminhos. In: GONÇALVES, M. F.; BANZA, A. P. (Orgs.). *Patrimônio Textual e Humanidades Digitais: da antiga à nova Filologia*. Évora: Publicações do Cidehus, 2013. 177p. p. 113-138.

THEOTOKIS, G. *Norman Campaings in the Balkans, 1081 – 1108*. Martlesham: Boydell Press, 2014. 265p.

TWEEDALE, Michael. *Biblia Sacra Iuxta Vulgatam Clementinam*. Londres: Ex Fontibus Company, 2008. 1522p.



Anexo 1

Transcrição do fólio 274r de Le Labo – Cambrai. Seção esquerda: Antigo Testamento.

Sigillum septimum.	<i>Christus.</i>	Primus aduentus Christi.
Elias iam uenit et non cognoverunt eum, Iesu.	<i>Iohannes.</i>	<i>Baptista.</i>
Eodem sigillo persecutio septima sub Anthioce terrae contra legitimo concitatur cunctas aliorum temporum persecutio[n]es exceli.	<i>Neemias.</i>	<i>Ioseph.</i>
Sigillum sextum. Sexta persecutio Medorum contra Babilonem dirigitur.	<i>Zorobabel.</i>	<i>Iacob.</i>
Quinta persecutio caldeonum fuit, sub qua civitatis sanctae muri prostreruntur. Intro sanctum templum igne consumitur, populus dum Babilone captivus.	<i>Salatiel.</i>	<i>Mathan.</i>
Sigillum quintum. Hic prophetauit Ieremias propheta, urbis et templi destructionem praedicit et uidit, et tristitia populi ruinam triplici alphabeto defleuit.	<i>Sedechias.</i>	<i>Eleazar.</i>
Quarta persecutio Assiriorum fuit sub quo decem tribus deportato[s] sunt.	<i>Iechonias.</i>	<i>Eliud.</i>
Sigillum quartum.	<i>Loachim.</i>	<i>Achim.</i>
Tertia persecutio Assiriorum est exorta primo quidem contra decem tribus; postremo uero contra utrumque regnum.	<i>Loachas.</i>	<i>Sadoc.</i>
Sigillum tertium.	<i>Iosias.</i>	<i>Azor.</i>
Secunda persecutio Medianitarum Philistinorum et aliorum gentium redacta iam ex parte maxima Cananeorum terra in manu filiorum Israel qui afflitti nimis clamauerunt ad Dominum et liberati sunt.	<i>Ammon.</i>	<i>Eliachim.</i>
Sigillum secundum.	<i>Manasses.</i>	<i>Abiud.</i>
Prima persecutio contra filios Israel Egyptiorum fuit, sub quo angustius populus uehementer sociferatus est ad Dominum qui liberauit eos in manu Moysi et Aaron.	<i>Ezechias.</i>	<i>Zorobabel.</i>
Primum sigillum.	<i>Achaz.</i>	<i>Salatiel.</i>
Moyses. Lex.	<i>Ioathan.</i>	<i>Iechonias.</i>
	<i>Ozias.</i>	<i>Ioram.</i>
	<i>Amasias.</i>	<i>Iosias.</i>
	<i>Ioas.</i>	<i>Amon.</i>
	<i>Ochosias.</i>	<i>Manasses.</i>
	<i>Ioram.</i>	<i>Ezechias.</i>
	<i>Iosaphat.</i>	<i>Achaz.</i>
	<i>Asa.</i>	<i>Ioathan.</i>
	<i>Abia.</i>	<i>Ozias.</i>
	<i>Roboam.</i>	<i>Amasias.</i>
	<i>Salomon.</i>	<i>Ioas.</i>
	<i>David.</i>	<i>Ochosias.</i>
	<i>Saul.</i>	<i>Ioram.</i>
	<i>Samuel.</i>	<i>Iosaphat.</i>
	<i>Heli.</i>	<i>Asa.</i>
	<i>Samson.</i>	<i>Abia.</i>
	<i>Abdon.</i>	<i>Roboam.</i>
	<i>Elon.</i>	<i>Salomon.</i>
	<i>Abessa.</i>	<i>David.</i>
	<i>Iephte.</i>	<i>Iesse.</i>
	<i>Iair.</i>	<i>Obeth.</i>
	<i>Abimelech.</i>	<i>Booz.</i>
	<i>Gedeon.</i>	<i>Salmom.</i>
	<i>Debora.</i>	<i>Naasom.</i>
	<i>Aoth.</i>	<i>Aminadab.</i>
	<i>Othoniel.</i>	<i>Aram.</i>
	<i>Iosue.</i>	<i>Esrон.</i>
	<i>Moyses.</i>	<i>Phares.</i>
	<i>Joseph.</i>	<i>Iudas.</i>

Seção direita: Novo Testamento.

<i>Secundus aduentus</i>	<i>Christus</i>	<i>Apertio sigilli vii</i>
<i>Finis Noui Testamenti</i>	<i>Helias</i>	<i>Helias cum uenerit tempore restitutum omnia.</i> <i>sub eiusdem apertione sigilli pers[ecutio septima quae</i> <i>gravis futura] est Antichristi.</i>
<i>MCCLX.</i>		<i>Sexta persecutio populum multorum [x reges</i> <i>habetum]. Apertio sigilli vi.</i>
<i>MCCXXX.</i>		<i>Quinta persecutio in qua nunc sumus quid facere</i> <i>ceperit uidemus.</i>
<i>MCC.</i>		<i>XXX* Quid futurum restet [quisque sane sapiens</i> <i>uigilante] attendat. Iam enim typicum Babylonum</i> <i>regnum suus uires] exercet. Iam iam mater Syon [ex</i> <i>sua ciuitate migrare compellitur].</i>
<i>MCLXX.</i>	<i>Alexander III.</i>	
<i>MXL.</i>	<i>Innocentius II.</i>	<i>Č iii • XXX</i>
<i>MCX.</i>	<i>Paschalis II.</i>	
<i>MLXXX.</i>	<i>Gregorius.</i>	
<i>ML.</i>	<i>Leo.</i>	<i>Hic ce[pit] apertio [sigilli quinti].</i>
<i>MXX.</i>	<i>Iohannes.</i>	
<i>DCCCCCLXXX.</i>	<i>Iohannes.</i>	
<i>DCCCCLX.</i>	<i>Benedictus.</i>	
<i>DCCCCXXX.</i>	<i>Iohannes.</i>	
<i>DCCCC.</i>	<i>Iohannes.</i>	
<i>DCCCCCLXX.</i>	<i>Sergius</i>	
<i>DCCCCXL.</i>	<i>Stephanus</i>	
<i>DCCCCX.</i>	<i>Adrianus</i>	
<i>DCCLXXX.</i>	<i>Zacharias</i>	<i>[Quarto persecutio Saracenorum fuit, sub qua</i> <i>Graecorum ecclesiis capti et Atticus maxima multitudo</i> <i>eorum a fide Christi absorta est.</i>
<i>DCCL.</i>	<i>Gregorius</i>	<i>Apertio sigilli quarti].</i>
<i>DCCXX.</i>	<i>Sergius</i>	
<i>DCLXXX.</i>	<i>Vitellianus</i>	
<i>DCLX.</i>	<i>Honorius</i>	
<i>DCXXX.</i>	<i>Gregorius doctor</i>	
<i>DC.</i>	<i>Iohannes</i>	
<i>DLXX.</i>	<i>Virgiliius</i>	
<i>DXL.</i>	<i>Symmachus</i>	<i>Apertio sigilli iii.</i>
<i>DX.</i>	<i>Felix</i>	
<i>CCCCLXXX.</i>	<i>Leo</i>	
<i>CCCCL.</i>	<i>Zosimus</i>	
<i>CCCCXX.</i>	<i>Damasus</i>	<i>Secunda persecutio paganorum fuit, sub qua ecclesia</i> <i>uehemerito afflita clamauit ad Deum et liberata est.</i>
<i>CCCXC.</i>	<i>Silvester</i>	
<i>CCCLX.</i>	<i>Marcellus</i>	<i>Apertio sigilli secundi.</i>
<i>CCCXXX.</i>	<i>Gaius</i>	
<i>CCC.</i>	<i>Cornelius</i>	
<i>CCLXX.</i>	<i>Calixtus</i>	
<i>CCXL.</i>	<i>Eleuterius</i>	
<i>CCI.</i>	<i>Anacletus</i>	<i>Prima persecutio contra ecclesiam [Iudeorum], sub</i> <i>qua Christi populus afflictus nimis relicta synagoga</i> <i>uererunt ad gentes preuentibus se Paulo et Barnaba.</i>
<i>CLXXX.</i>	<i>Syxtus</i>	
<i>CL.</i>	<i>Clemens</i>	
<i>CXX.</i>	<i>Linus</i>	
<i>XC.</i>	<i>Iohannes</i>	
<i>LX.</i>	<i>Petrus. XXX.</i>	<i>Apertio sigilli primi.</i>
<i>BARNABAS.</i>		



Anexo 2

Tradução do fólio 274r de Le Labo – Cambrai.
Seção esquerda: Antigo Testamento.



Seção direita: Novo Testamento.

Segunda vinda Fim do Novo Testamento	Cristo Elias	
Aqui a Igreja Romana será reconstruída de novo, apressadamente, durante o reinado de dezenas de monarcas que sucederão o Império Romano. Entretanto, o Romano Pontífice, como outrora Zorobabel, governará com honradez simples, desprovida da glória e do honor acostumados, os quais desaparecerão.	1260. 1230. 1200. 1170. 1030 ¹ . 1110. 1080. 1050. 1020. 990. 960. 930. 900. 970 ² . 840. 810. 780. 750. 720. 690. 660. 630. 600. 570. 540. 510. 480. 450. 420. 390. 360. 330. 300. 270. 240. 201 ⁴ . 180. 150. 120. 90. 60.	Abertura do Sétimo Selo. Quando Elias chegar, restituirá tudo. Sob a abertura do mesmo selo, haverá de ocorrer a sétima perseguição do Anticristo, que será pesada. A sexta perseguição será de muitos povos que terão dez reis. Abertura do Sexto Selo. Quinta perseguição, na qual estamos agora. Vemos o que caberia fazer, o futuro que nos resta. Todo aquele que tenha conhecimento e bom juízo fique atento, pois já o alegórico reino de Babilônia exerce sua força. Agora, neste momento, a Mão de Sion é obrigada a migrar de sua cidade.
O papa Inocêncio II, após consulta aos romanos, foi ao encontro do imperador do Sacro Império Romano-Germânico em Liège. O imperador, em um primeiro momento, mostrou inquietude; porém, finalmente, benevolência.	Alexandre III. Inocêncio II. Pascoal II. Gregorio. Leão. João. João. Bento. João. João. Sérgio Estevão Adriano Zacarias Gregório Sérgio Vitaliano Honório Gregório doutor João Virgílio ³ Símaco Félix Leão Zósimo Dámaso Silvestre Marcelo Caio Cornélio Calisto Eleutério Anacleto Sixto Clemente Lino João Pedro. 30.	30. 330.
O imperador do Sacro Império foi contra o papa Pascoal II. O papa foi capturado por ele e obrigado a fazer muitas concessões.		Aqui teve lugar a abertura do Quinto Selo.
O comandante dos Normandos levou consigo, protegido, o papa Gregório VII, de Roma para Salerno, onde se completou o terceiro ano magno. Foi decretado que, para calmar os romanos, conseguisse a contar o meio ano magno equivalente a seis vezes trinta anos atuais.		
O papa Leão IX mandou o exército contra os normandos, pelos quais foi superado e, desde esse momento, a Igreja Romana soportou um contínuo prejuízo de sua autoridade.		
Segundo o cálculo do percurso do tempo, neste quinto período da Idade Selta a Igreja Romana tinha de ser conduzida ao ocaso do dia e ao inicio das trevas (pode se dizer que às trevas), mas, a misericórdia de Deus fez com que o sol ficasse retido quase dez linhas em seu curso e, dessa forma, foram concedidas à Igreja Romana paz e proteção por quinze gerações (segundo o cômputo do tempo pareceria designar 450 anos). Seguinte: cinco gerações foram consideradas não em pleno dia de paz, mas como se estivessem já no cair da tarde.		
Nos dias do papa Zacarias, a Itália permaneceu calma e com paz duradoura.		
Aqui, completou-se o segundo ano magno, equivalente a vinte e quatro vezes trinta anos.		
Aqui, as igrejas gregas se afastam da fé romana. Seus bispos arrianos, apoiando-se entre si, uns blasfemam contra Cristo, outros contra o Espírito Santo.		[A quarta perseguição foi a dos sarraços, sob a qual, havendo sido capturadas as igrejas dos gregos e as áticas, a maior parte de seus membros foi desprovista da sua fé. Abertura do Quarto Selo].
Aqui, o reino e a paz foram dados ao povo cristão. Aqui se completou o primeiro ano magno, proporcional a doze vezes trinta anos.		[A terceira perseguição foi a dos godos, à qual se juntaram logo depois os vândalos, persas e longobardos, de acordo com a visão de Daniel: "A terceira besta era similar ao leopardo e tinha quatro cabeças sobre ele."].
BARNABÉ.		Abertura do Terceiro Selo.
		A segunda perseguição foi a dos pagãos, sob a qual a Igreja, afligida, clamou veementemente a Deus e foi libertada.
		Abertura do Segundo Selo.
		Primeira perseguição contra a Igreja, sob a qual o povo de Cristo, muito afligido, abandonou a sinagoga e foi até os gentios, sendo Paulo e Barnabé mortos por eles.
		Abertura do Primeiro Selo.

1 1140.

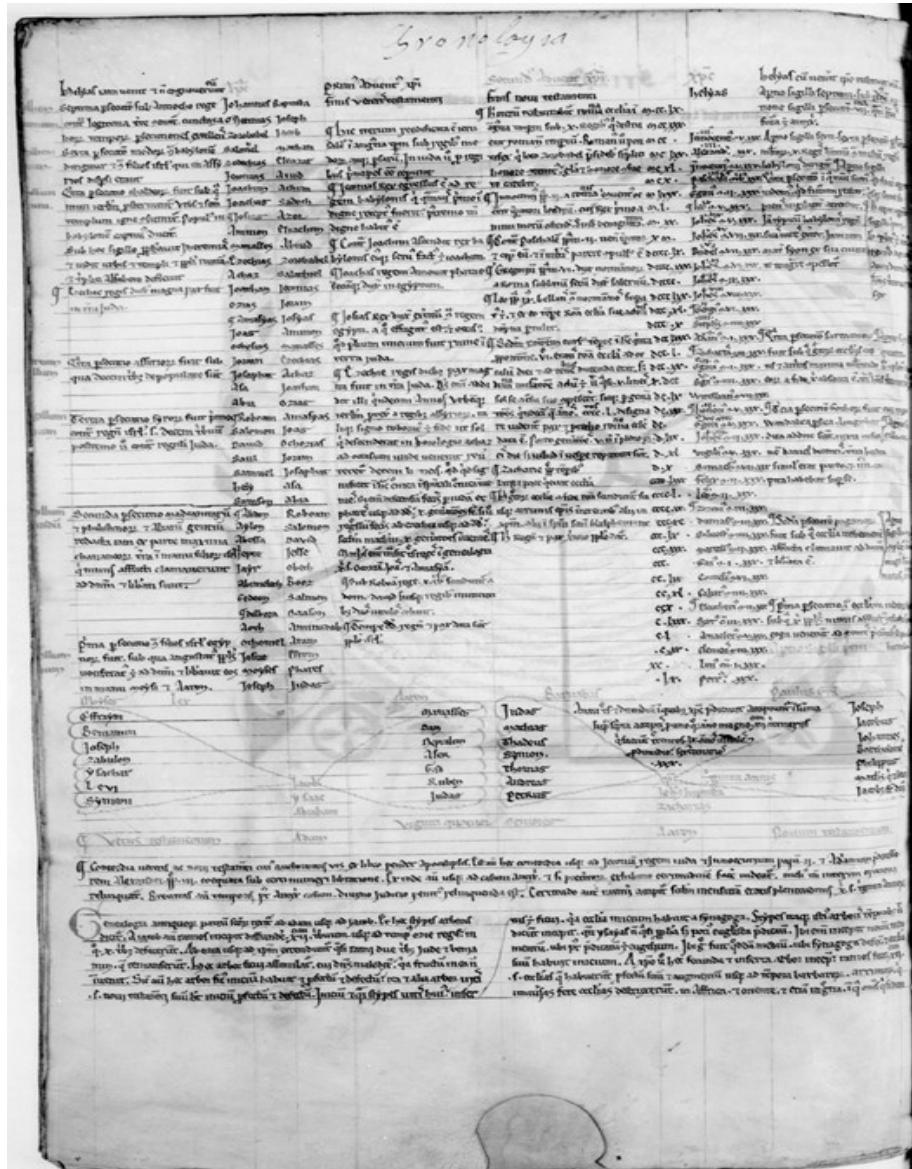
2 870.

³ Vigílio (537 – 555).

4 210.

Anexo 3

Fólio 154v do manuscrito BnF Latin 11864.



Fonte: Bibliothèque Nationale de France (BnF).